





### Editora Abril

Fundador VICTOR CIVITA (1907 - 1990)

Diretor-Presidente: Roberto Civita Diretores: Angelo Rossi, Edgard de Sílvio Faria, lke Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, Placido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Correa

### **DIVISÃO REVISTAS**

Diretor: Thomaz Souto Corréa Diretores de Área: Eduardo Frezza, Miguel Sanches, Oswaldo de Almeida, Ricardo Vleira de Moraes, Roberto Dimbério, Vanderlei Bueno



Diretor-Gerente: Mário Escobar de Andrade Diretor Editorial Adjunto: Carlos Costa Diretor de Arte Adjunto: Carlos Grassetti

### REDACAD

REDAÇÃO

Redatoras-Chefes: Alfredo Ogawa e Álvaro Álmeids
Editor: Divino Fonseca (colaborador)
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Editorae de Arte: Afonso Grandjean e Walter Mazzuchelli
colaboradores!
Diagramadores: André Luiz Pereira da Silva, José Jonas de
Lima, José da Luz Tenétio, José Dionisio Filho
Secretários de Produção: José Batista da Carvalho, Renê Sentos Filho
Preparadiir de Taxta: Ronaldo Rarbora de Silva.

Preparadiir de Texto: Ronaldo Barbosa da Silva Producão: Sebastião Silva

Sucursal Rio de Jameiro: Martha Esteves (repórter), Marco Antônio Cavalcanti (fotografo) Colaboradores: Lemyr Martins, Sérgio Sade

SERVIÇOS EDITORIAIS Abril Press - Gerente: Judith Baroni Escritorio Nova York: Dornt Harazim (gerente), Frances Fur-

ness (assistente) Escritório París: Pedro de Souza (gerente), Alváro Teixeira

(assistente)
Buenos Aires: Odillo Licetti (correspondente)
Departamento de Documentação - Gerento; Susana Camargo
Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinetti
Automação Editorial - Gerente; Júlio Bartolo

### PUBLICIDADE

PUBLICIDADE Diretor: Mayer Alberto Cohen Gerrentes: Paulo D'Andréa (SPI, Aldano Alves (RJ) Contatos: Arnaldo Dratwa, Ronaldo Dimas Lipparelli, Seima F Souto (SP): Andrea Veiga, Jussara Vileta, Marcela B. Mar-tins. Maria Emilia Albuquerque, Maria Luciana R. Lima, Ri-cardo Rohloff (RJ)

Diretores Regionals: Angelo A. Costi (Região Contro); Eles-nho Engel (Região Sul); Geraldo Nilson de Azevedo (Região Nacionals)

nho Engel (Regiso Sul): Geratio Nilson de Azevedo (Regiso Nordaste)
Escritorios Regionais: Valter Cruz Gonçalves (Balo Horizonte): Gilbarto Amaral de Sa (Brasilia): Abal Augusto (Campinas): Lilica Mazer (Curitiba): Francisco Gorgonio (Floriandopelis): A Simone R. Souto (Fortaleza): Rosangela isoppo da Cunha (Porto Alagra): Silvio Provazzi (Resife): Elizabeth Silveira

(Salvador) Representantes: Fênix Propaganda (MT); Intermidia (Riber-rão Preto): Luica Consultoria de Comunicação e Marketing (MS); Multi-Revistas (PB e RN); Valigntidia - Representações e Publicidade (São José dos Campos); Via Gorênia (GO)

PLANEJAMENTO E MARKETING Gerente de Planejamento e Controle: Carlos Herculano Ávila Gerente de Produto: Reynaldo Mina

Diretor de Operações: Ignácio Santin Diretora de Serviços ao Assinante: Rugênia Maria Pomi

Diretor Escritorio Brasilla: Luiz Edgar P. Tostes

Placar é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. Pedidos que Correlo: DINAP — Estrada Velha de Osasco. 132. Jardim Teress. 05000. Osasco. SP. Temos em estoque aomente as aels últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuida com exclusividade no pais pela DINAP — Distribuidora Nacional de Publicações. São Paulo. Serviço ao Assinante: (0111823-9222)

IMPR. NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

### UMA GRANDE ATRAÇÃO A CADA MÊS

omo promessa é divida, L 1990 termina com mais uma edição de PLACAR, a dos campeões do ano.

Depois da revista que comemorou o cinqüentenário do Rei Pelé — e que esgotou rapidamente nas bancas do país —, este novo lançamento comemora as grandes conquistas da temporada. Do Botafogo, que desandou a ganhar, legitimo bicampeão carioca, reeditando os tempos áureos de Mané Garrincha, Didi e companhia, Corinthians. formidävel campeão brasileiro pela primeira vez. Passando, é claro, pelo surpreendente Bragantino, pelo acostumado Grêmio, pela grande Alemanha tricampea e pelo Flamengo, que, só para não perder o hábito, já conquistou uma Copa do Brasil.

PLACAR saúda todas as torcidas campeās, rubro-negras, como as do Vitória e do Atlético Paranaense; tricolores, como a do Santa Cruz; ou azuis, como a do Cruzeiro.

E parabeniza, especialmente, todos os amantes do esporte mais popular do país, porque, a partir deste próximo mês de janeiro, e durante todo o ano de 1991, PLACAR estará mensalmente nas bancas do Brasil. Sempre com uma edição especialmente feita para os leitores que a elegeram nos últimos vinte anos como a biblia do futebol.

Viva, campeão!

Juca Kłouri

### SUMÁRIO

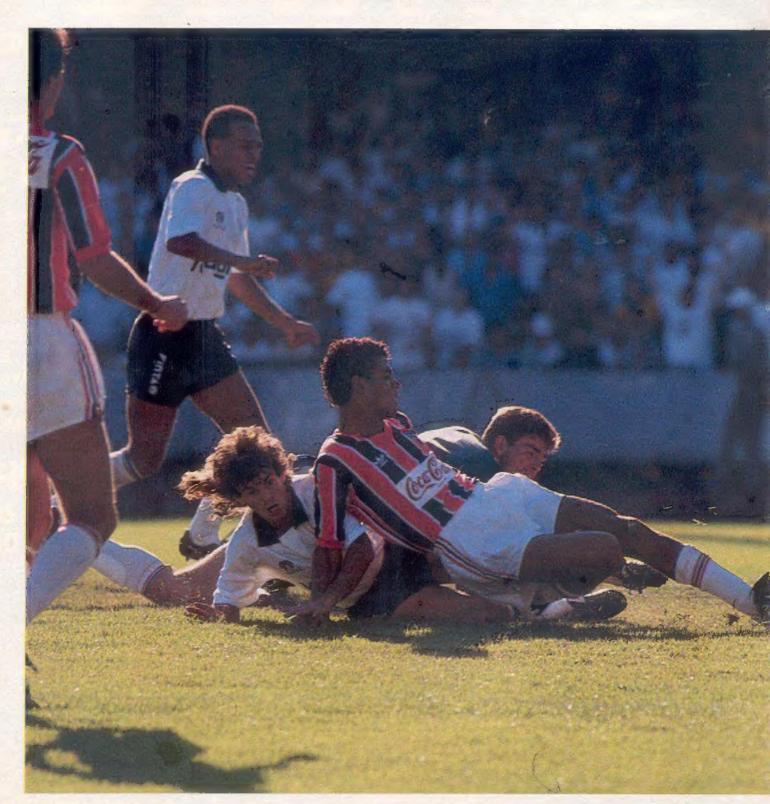
Corinthians campeão brasileiro	4
Alemanha tricampeă mundial	12
Flamengo campeão da Copa do Brasil	18
Bragantino campeão paulista	24
Botafogo bicampeão carioca	28
Grêmio hexacampeão gaúcho	32
Santa Cruz campeão pernambucano	36
Goiás bicampeão goiano	44
Cruzeiro campeão mineiro	46
Vitória bicampeão baiano	50
Atlético campeão paranaense	52
Criciúma bicampeão catarinense	56
Colatina campeão capixaba	58
Ubiratan campeão sul-mato-grossense	60
ABC campeão potiguar	62
CSA campeão alagoano	64
Auto Esporte campeão paraibano	66
Ceará bicampeão cearense	68
Tiradentes campeão piauiense	70
Confiança campeão sergipano	72
Remo bicampeão paraense	74
Juventus bicampeão acreano	76
Os problemas do campeonato maranhense	77
	78
Cartas	



Campeão brasileiro

# ÉS DO BRASIL O CAMPEÃO BRASILEIRO

Um título marcado pela garra e paixão de uma torcida



Corinthians sempre foi tão grande que o Brasil era pequeno. Como no poema de Fernando Pessoa que diz que "o rio que passa na minha aldeia é mais bonito que o Rio Tejo, por que o Rio Tejo não é o rio que passa na minha aldeia", os corintianos pareciam dar mais importância ao título estadual que ao nacional, tanto que ga-

nharam vinte vezes o Campeonato Paulista. Pareciam.

Ser campeão brasileiro, na verdade, era um sonho que, por pura esperteza, a Fiel fingia desdenhar. Foram dezenove anos de tentativas, apenas uma quase bem-sucedida. Em 1976, quando, depois de fazer a maior invasão já vista na história do futebol mundial —





O toque oportunista do pequeno Tupăzinho na decisăo contra o São Pauto (ao lado) fol o início da alegria corintiana: ainda no gramado, o craque Neto levanta a taça e mal consegue dar a volta olímpica (acima); no vestiário, o presidente Vicente Matheus faz o V da vitória (abaixo)



Menan Loeno



70 000 corintianes tomaram o Maracană para derrotar o Fluminense na semifinal —, o Timăo tombou diante do Internacional no Beira-Rio.

Se times comandados por Rivelino, por Sócrates não conseguiam o tal título brasileiro, não seria uma equipe comandada por Neto que conseguiria. Mais um bom motivo para não dar muita bola, limitando-se a evitar o vexame de cair para a Segunda Divisão.

E nada indicava ser outro o destino alvinegro ao começar o campeonato de 1990. Foram duas derrotas seguidas, uma quase humilhante no Olímpico para o Grêmio — 0 x 3 — e outra no Pacaembu para o Cruzeiro, pela contagem mínima. É justo dizer que o time estava todo no bagaço, pois acabara de ser eliminado nas semifinais do Paulis-

tão, competição que havia atravessado com apenas uma derrota, exatamente na estréia, diante do Noroeste. Mas, assim mesmo, tudo levava a crer que a luta corintiana se limitaria a evitar o rebaixamento.

De repente, não mais que de repente, porém, surgiu o santo que faria o milagre da multiplicação dos pés. Eram 22 que as regras permitiam? Pois teriam de se transformar em 44. Ou quase.

Chegou o técnico Nelsinho para ressuscitar o Corinthians no terceiro jogo, um providencial empate diante do Vitória, ainda sem gols, mas em Salvador.

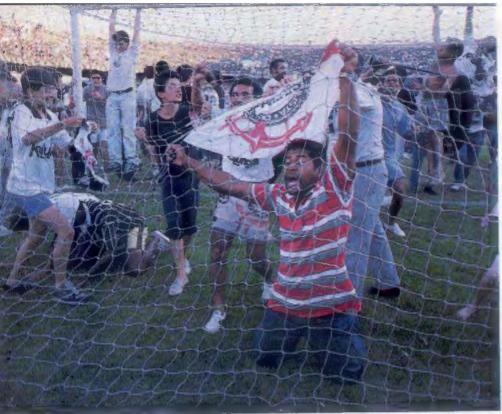
Ali o time mostrou um pouco do que viria a ser sua marca registrada: luta, ocupação dos espaços, humildade, consciência.

O quarto jogo, no entanto, era decisivo. Menos pela tabela, mais pelo adversário, o velho rival Palmeiras. Neto fez o primeiro e Wílson Mano o segundo gol de uma bela vitória, prenúncios de que ambos seriam personagens de uma das mais belas páginas da história alvinegra.

Os 44 pés de Nelsinho eram uma impossibilidade prática. Primeiro, porque a estrela Neto só tem um pé, o esquerdo. E, depois, porque mesmo este pé se dedica pouco ao trabalho duro, é mais chegado à arte. À arte de fazer gols.

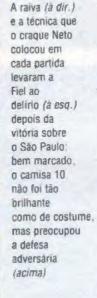
"O Corinthians tem dez jogadores e um batedor de faltas", dizia o torcedor irritado com a apatia de Neto, o mesmo torcedor que, depois, ficou maravilhado diante do tamanho do Brasil (leia o quadro da pág. 16).





### O ARTILHEIRO

NETO jamais marcou um simples gol. As nove vezes em que balançou as redes adversárias tíveram a marca do craque. Todas elas foram decisivas na campanha co-rintiana. José Ferreira Neto chega aos 24 anos como o jogador mais polêmico do futebol brasileiro. Idolo da Fiel, dono de frases cortantes, o camisa 10 ganha partidas com suas cobranças de falta, mas também participa pouco do jogo coletivo. Não è por acaso que o meia caiu nas graças do presidente Vicente Matheus e só sairá do seu Corinthians de infancia para jogar na Europa.







### Vexame carioca

Seis vezes campeões brasileiros nos anos 80, os times cariocas fracassaram totalmente este ano e nem sequer passaram da fase de classificação. O Fluminense por pouco não foi rebaixado, o Flamengo perdeu as esperanças com três rodadas de antecedência, o Botafogo perdeu a vaga em casa para o Bragantino e o Vasco, campeão de 1989, não soube vencer o Santos em São Januário. A solução foi realizar um constrangedor quadrangular - em que o Flamengo foi substituido pelo Bangu — para evitar maiores prejuizos





### A CAMPANHA

1.º TURNO Grémio 3 x Corinthians 0 Corinthians 0 x Cruzeiro 1 Continuans 0 x Corinthians 0
Corinthians 2 x Palmeiras 1
São José 1 x Corinthians 2
Corinthians 1 x Fluminense 0
São Paulo 1 x Corinthians 1
Corinthians 1 x Inter-SP 0
Flamengo 1 x Corinthians 2 Corinthians 1 x Nautico 0 2.º TURNO Bragantino 2 x Corinthians 2 Corinthians 0 x Bahia 0 Corinthians 0 x Portuguesa 0 Botafogo 1 x Corinthians 0 Corinthians 0 x Vasco 0 Corinthians 1 x Santos 0 Goiás 3 x Corinthians 1 Atlético 1 x Corinthians 3 Corinthians 0 x Inter-RS 3 QUARTAS-DE-FINAL Corinthians 2 x Atlético 1 Atlético 0 x Corinthians 0 SEMIFINATE Corinthians 2 x Bahia 1 Bahia 0 x Corinthians 0 FINAIS São Paulo 0 x Corinthians 1 Corinthians 1 x São Paulo 0







"O Corinthians é melhor sem Neto do que com ele", fazia coro o comentarista da Rede Bandeirantes Mário Sérgio, por ironia um ex-craque de talento desmedido e que, também, era mais da turma do "pegar leve".

"Neto faz a diferença", discordava o jornalista Roberto Benevides em sua inteligente coluna no jornal O Estado de S.Paulo.

É possível que os três tenham razão. PLACAR mesmo, ainda quando semanal, em abril deste ano, estampava em sua capa: "Provado: Neto pára o Timão", para, duas semanas depois, reconhecer, também na capa: "Neto danado salva o Timão".

Só que Neto acabou marcando nove vezes, fez três dos cinco gols nos jogos decisivos e de seus pés nasceram outros dois. Em resumo, Neto ganhou e, com sua vitória, premiou também a admiração de Benevides.

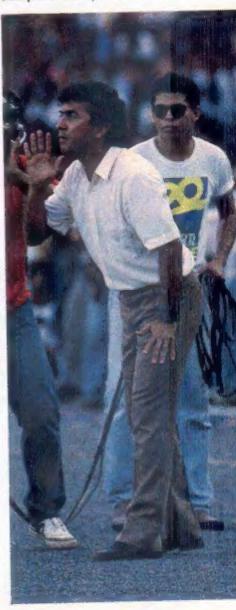
Depois do Palmeiras, foram mais nove jogos sem derrotas, até encontrar



O predestinado Wilson Mano: escalado à última hora para o primeiro jogo da decisão, o volante faz 1 x 0 de joelho (à esq.), inverte a vantagem adversária e explode em emoção (acima): expulso na partida seguinte. Mano tratou de detonar a festa da torcida na pista (no afto)

### Vitória de quem sabe

Inteligência. Esta é a grande marca de Nélson Batista Júnior, 40 anos, um ex-lateral mediano, que teve seu ano de glória como técnico em 1990. Primeiro, conduziu sem alarde o Navorizontino ao vice-campeonato paulista. Feito maior, porém, foi o titulo brasileiro pelo Corinthians. Teve sabedoria na hora de definir a equipe titular, ao administrar as quedas de rendimento do craque Neto, ao melhorar as condições de trabalho em negociações com Matheus. Campeão, recebeu uma justa recompensa





### ACORDA QUE O BRASIL É NOSSO!

Chegou em casa de madrugada. Tinha comemorado como devem ser festejados os títulos inesquecíveis. Foi ao quarto dos filhos. Apesar da noite quente, ambos não dormiam nus, como de costume. Estavam de camiseta. Camisetas alvinegras. Voltov para a sala e, pela primeira vez, se deteve diante do grande mapa do Brasil que há mvitos anos tinha pregado na parede, com moldura requintada. "Puxa", pensou em voz alta, "nunca tinha me dado conta de como este país é grande." Durante algumas boas horas ficov parado diante do mapa. Catatônico. Ao ouvir os primeiros ruidos da segunda-feira de trabalho, chamou os vizinhos paracompartilhar sua perplexidade. "Vocês já notaram como o Brasil é grande?", perguntava. Os amigos se entreolhavam surpresos, incapazes de entender o que se passava. Até que um não agüentou e devolveu. "Mas qual é a novidade nisso?" "É que somos campeões de tudo isso", respondeu. E foi dormir o sono dos conquistadores. Maravilhosamente campeão brasileiro de 1990. J.K. o Botafogo pela frente. Um tropeço seguido por mais quatro jogos — um empate, uma derrota para o Goiás e duas vitórias — e, finalmente, outra derrota quase humilhante, para outro gaúcho, o Inter — 0 x 3 —, em pleno Pacaembu, goleada que valeu entrar em desvantagem nas quartas-de-final, semifinais e finais.

Tudo como o corintiano gosta. Aliás, gosta tanto que a média de público presente aos jogos do Timão acabou sendo superior àquela alcançada no Campeonato Paulista — 25 056 a 15 957.

Nelsinho deixava Neto brilhar e fazia, dos vinte pés restantes, quarenta. Dez cabeças que, além do mais, souberam entender que o brilho do camisa 10 assegurava o bicho da vitória e permitia que cada degrau fosse alcançado à custa do esforço coletivo.

Assim, o goleiro Ronaldo salvou o time algumas vezes. O discreto lateral-direito Giba cresceu a ponto de abandonar a discrição e fazer até um gol antológico contra o Atlético no Mineirão. O eficiente central Marcelo foi sempre dedicado e sério, bem assessorado pela boa surpresa chamada Guinei e — sempre tem um — pelo atleta de Cristo Jacenir.

No meio, Márcio. Marcial. Guerreiro, líder, numa palavra, um autêntico corintiano. Perto dele, Tupăzinho. O







Num domingo de so os corintianos tomaram de assaito o Morumbi

motor do time, o pulmão, o onipresente, o autor do gol derradeiro, o zinho que virou Tupăzăo, Biro-Biro redivivo, um pouco de Basílio, o herói do gol que acabou com 22 anos de jejum,

E tem mais. Tem Fabinho, o ponta que jogou todas as 25 partidas, atrevido, lutador, agradecido por vestir a camisa corintiana. Tem Paulo Sergio. habilidoso, cheio de malicia, com muito mais ainda para mostrar, grande segurador de bola. E tem até Mauro, meio zonzo, um pouco atrapalhado. como Ataliba — quem não se lembra? , porque Corinthians não é Corinthians sem tipos assim

Como tem Wilson Mano. Aquele do gol contra o Palmeiras. Aquele que imortalizou o centroavante Viola, na decisão do Paulistão de 1988. O Wílson Mano que joga em todas, até no gol, se o Ronaldo descuidar e o Nelsinho precisar. O Wilson Mano que fez o gol que bastava para o Corinthians ser campeão brasileiro pela primeira

vez. Gol de joelho. E que joelho! Wílson Mano, irmão de todos, todos os corintianos

Dos oitenta gloriosos anos de vida do Corinthians, quase um quarto foi de espera pelo título nacional. O Campeonato Brasileiro, é bom lembrar os descuidados, começou em 1971. Dizer que o Corinthians esperou oitenta anos pela conquista é meia-verdade semelhante a dizer que o Santos, o Botafo go e o Cruzetro jamais ganharam o campeonato, só porque são clubes que apenas venceram a antiga Taça Brasıl Afinal, quando o Rio-São Paulo era o grande torneio nacional, o Corinthians o venceu três vezes, em 1950, 1953 e 1954

Mas não faz mal. O Corinthians sempre foi tão grande que o Brasil era pequeno para abrigar tanta felicidade

Agora é do tamanho exato da alegria da nação corintiana, que, pensando bem, não cabe em lugar nenhum

Juca Ktouri

### A DECISÃO

SAO PAULO 0 X CORINTHIANS 1

13. dezembro 90

Local Morumbi (São Paulo) Julz, Jose Aparendo de Oliveira (SP) Renda. Crs 92 979 100 Publico 85 463 Gol Wilson Mano 4 do 1

SAO PAULO Zetti Cellu Antonio Calic. Iva Leonardo Flavio Bernardo e Rai Mario Tilico (A cindo) Evel e Elivellon Tecnico Telé Santana CORINTHIANS Ronaldo Giba, Marcelo, Guille To

Jacenir, Marcio (Ezequiet) Wilson Mano. Tujnho a Neto Fabinho (Marcos Roberto) a Maure

CORINTHIANS 1 X SAO PAULO D

Local, Morumbi (São Paulo), Juiz, Edmundo Limis F tho (SP): Renda: CrS 106 347 700: Publico 100 858 Gol: Tupázinho 9 do 2

CORRETHIANS Ronaldo, Giba, Marcelo, Guares e Jace nir, Maroo Wilson Mano, Tupăzinho e Neto (Ezequeti Fabrinto e Mauro (Paulo Sérgio) Teonico Nelsinho SAO PAULO: Zetti, Cafu, Antonio Cárlos, Ivan e Leo nardo Flavio. Bernardo e Rai (Marcelo) Mano Trico (Ze Teodoro), Eliel e Elivetton, Técnico, Tele Santan



# CORINTHIANS







# Campeão brasileiro 1990





# O FUTEBOL DERROTA A MEDIOCRIDADE

O título da equipe que uniu força e habilidade

futebol está salvo, a Alemanha é tricampeã. Exagero? Claro, do tamanho da supremacia dos alemães sobre seus adversários na Copa. Não fosse esse estilo de jogo devastador, o Mundial, que se desenhou fantástico, seria marcado pela frustração. Afinal, a Itália era — e é — o país dos craques, que brilham em seus clubes mas

decepcionam nas seleções. Felizmente, o apoio criativo de Brehme, as fulminantes arrancadas de Matthaus e o oportunismo dos goleadores Völler e Klinsmann trataram de corrigir as versões futuras. Venceu o que o futebol dos anos 90 tem de melhor: a habilidade, aliada em doses exatas a objetividade, força e disciplina tática.

Uma poção que o técnico Franz Beckenbauer levou quase oito anos para desenvolver. Em 1986, na decisão contra a mesma Argentina, nenhuma magia poderia quebrar o encanto de Maradona. Mas naquela tarde de 8 de julho, no Estádio Olímpico de Roma, não havia mais lugar para feitiços. Certamente por isso o sem-



O centroavante
Völler cai na
área (acima) e
Edgardo Codesal
marca pênalti
depois de murta
discussão, o
ala Brehme
mostra a
categoria de
sempre (à dir.)
e faz 1 x 0







A eutoria dos alemães com o gol aos 40 minutos do segundo tempo contrasta com o desespero dos argentinos: justiça numa final onde apenas um time quis jogar





### Show de Camarões

O segundo time de todos nós.
Assim póde ser definida a
Seleção de Camarões, com seu futebol habilidoso e romântico.
Liderados pelo veterano
Roger Milla, de 38 anos, eles derrotaram potências como a Argentina e a Romênia.
Só perderam nos quartos-definal para a Inglaterra, na prorrogação. De qualquer maneiro, fizeram historia



### Fracasso canarinho

Com potencial para mostrar muito mais, a Seleção Brasileira naufragou com a esquemo medroso do teórico Sebastião Lazaroni. O nono lugar foi a pior colocação desde 1966. As lesões dos goleadores Bebeto e Romário, aliadas a mo fase de Coreca (acima), diminuiram o poder de conclusão da equipe eliminada pela Argentina



pre sério e exigente Beckenbauer explodiu numa festa juvenil assim que o mexicano Edgardo Codesal apitou o final de Alemanha I x Argentina 0. O Kaiser (imperador, em alemão) cumpriu sua trajetória, conquistou o tri e ficou à vontade para passar o comando da seleção a Vogts, seu auxiliar e ex-companheiro da Copa de 1974. 'Nem queria este título para mim, mas para os jogadores, que se esforçaram para consegui-lo'', confessou com a habitual franqueza, "Eu já tenho muitos."

A conquista, é bem verdade, teve a marca do técnico do início ao fim "A partida contra a lugoslávia determinará nossas chances", dizia antes da estréia no Grupo D. Beckenbauer estava preocupado com o fraco rendimento nos amistosos que antecederam o Mundial. Mais que os 4 x 1 do primeiro jogo, o apetite ofensivo da Alemanha serviu como um aviso. "Viemos para ganhar e vamos ganhar", sentenciou. Afirmação que seguramente poderia ser considerada uma imprudência, um excesso. Exagerada era, isso sim, a rapidez com que os alemães partiam para o ataque, co-





As arrancadas fulminantes do lider Matthaus (acima) tinham em Klinsmann (18, e Volier (à esq.) dois finai zadores perfeitos com eles a Alemanha jamais de xou de jogar no ataque durante o Mundia.



mandados pelo camisa 10 Lothar Herbert Matthaus (veja "O artilhetro" na pág 17)

O estrago sobre os iugoslavos foi seguido de outro passeio: 5 x 1 nos Emirados Árabes. As primeiras dificuldades somente apareceram quando a equipe já estava classificada para a fase seguinte. Num dos melhores jogos do campeonato, os alemães empataram em 1 x 1 com os colombianos. Mais do que a surpresa do resultado - justíssimo -, o empate denunciou um perigo: a fragilidade da defesa. Em todas as partidas, mesmo contra adversários mais frágeis, a Alemanha sofreu um gol. Vigorosos. Buchwald, Kohler e Augenthaler se perdiam na hora do combate isolado

Uma característica nada agradável para quem enfrentaria nas oitavas-definal a Holanda. Antes da Copa, muitos apostavam que essa seria a decisão, mas a péssima atuação dos "Laranjas" na primeira fase determinou o confronto prematuro. Mesmo que Van Basten, Gullit e Rijkaard nada tenham mostrado contra Inglaterra. Eire e Egito, os craques holandeses poderiam desencantar e liquidar com os planos alemães. Novamente prevale-

ceu o conjunto acertado do time de Beckenbauer: o cruel cruzamento acabou por impedir a reação da Holanda

O caminho alemão ainda teria mais pedras. O adversário das quartas-definal era a Tchecoslováquia do goleador Skurhavy. Os tehecos vinham de uma goleada de 4 x 1 sobre a Costa Rica, uma retranca que eliminou os suecos e que os brasileiros sofreram para superar. Milão, porém, estava toda preta, amarela e vermelha. Num ambiente tão favorável, surpreendia também a seriedade do time de Beckenbauer. Mantendo o mesmo ritmo dos jogos anteriores, chegaram ao 1 x 0 — gol de pênalti de Matthäus.

Cotados definitivamente como os grandes favoritos ao título, os alemães se transferem para a próxima Turim dispostos a manter a incrível média de estar presente em uma a cada duas finais — a Alemanha disputou doze Copas, seis decisões (1954/66/74/82/86/90). Do outro lado, porem, estavam os ingleses, para quem perderam em 1966. Uma equipe que começara o campeonato sem muito brilho, mas que aos poucos foi revelando o bom futebol de jogadores como o ala Wright e os meias Platt e



### O choro do rei

Maradona estava longe de ser o mesmo craque de 1986, mas em nenhum momento perdeu a majestade. Sem condições fisicas e com uma parceria pior, conseguiu chegar ao vice-campeonato criando polêmicas, confusões, colocando a mão na bota ou fazendo jogadas isoladas, como a que desclassificou o Brasil. No final, chorou



### Apitos desafinados

Os erros das arbitragens durante o Mundial superaram o nível aceitavel. O francés Michel Vautrot (acima) quase estragou a partida de abertura entre Camarões e Argentina, o uruguaio Juan Cardelino marcou um pênalti inexistente. E até o mexicano Edgardo Codesal foi muito criticado pela atuação na decisão de 8 de julho

### O herói italiano



Até marcar o primeiro gol pela Azzurra, minutos depois de ter entrado no lugar do titular Carnevale, na estréia contra a Austria, o atacante Schillaci não passava de uma piada para os torcedores. Afinal, como um "baixinho" de 1,75 m poderia manter viva uma das melhores armas dos italianos: as conclusões de cabeça? Pais este siciliano garantiu a primeira vitoria com uma cabecada, abriu caminho sobre os tchecos com outra e logo se tornou a grande revelação da Copa. Foi o artilheiro da competição, com seis gols, e deu origem a uma verdadeira mania: a "Schillacimania". Apelidado de Totó, ele ganhou respeito, a posição no time de Azeglio Vicini e virou heroi nacional

### CAMPANHA

FASE DE CLASSIFICAÇÃO Alemanha 4 x lugoslávia 1 Alemanha 5 x Emirados Arabes 1 Alemanha 1 x Colômbia 1

OITAVAS-DE-FINAL QUARTAS-DE-FINAL

Alemanha 1 x Tchecoslováquia 0 WE WHENVERY BALL Alemanha 1 (4) x inglaterra 1 (3)

Alemanha 1 x Argentina 0



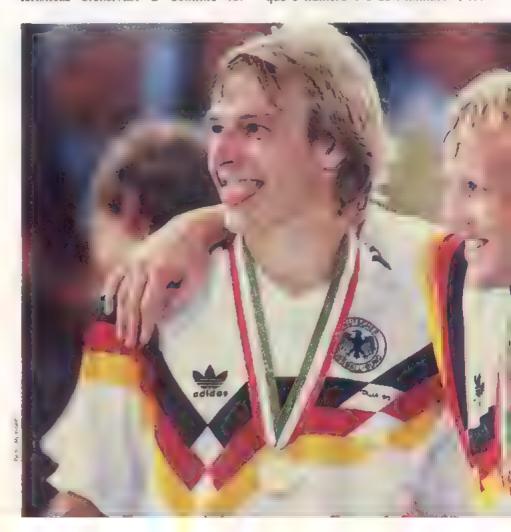
Gascoigne. Depois de eliminar a simpática Seleção de Camarões (veja destaque na pág. 14), a Inglaterra ganhou mais confiança. Nos noventa minutos, os alemães foram surpreendidos com o impetuoso futebol dos adversários e, pela primeira vez, levaram a decisão para a prorrogação.

A contusão de Völler, ainda no primeiro tempo, e a péssima partida do goleador Khnsmann quase põem tudo a perder. Time bom, porém, precisa de sorte, e a Alemanha assegurou a vaga na decisão graças à agilidade do goleiro Illgner. Até então, uma figura discutível dentro da eficiente máquina alemã, Bodo Illgner, 26 anos, finalmente teve seu dia de herói: defendeu a cobrança de Pearce e Waddle bateu para fora. Agora era só pensar na Argentina, que no dia anterior tinha calado Nápoles, ao despachar a anfitriã Itália, também nos pênaltis.

"A melhor final seria realmente contra os italianos", diria, mais tarde. Beckenbauer. Contra a catimba dos argentinos, o jogo seria truncado - e e experiente tremador sabia de tudo isso. Certo de que não teria trabalho para se defender, o Kaiser escalou Littbarski, um meia com características ofensivas. O domínio foi tanto que os alemães somaram 58 desarmes contra 45 dos argentinos, quatro chutes certos a gol, outros onze para fora, 27 cruzamentos na área, dezoito viradas de jogo e apenas trinta passes errados. A Argentina chutou somente uma vez contra a trave de Illgner, mesmo assim numa cobrança de falta de Maradona que nem sequer levou perigo.

Vale lembrar que os argentinos sentiram as ausências de Caniggia, Giusti e Olarticoechea, além do reserva Batista, todos vítimas da própria indisciplina. Sem futebol, os bravos portenhos apelaram e tiveram Monzón e Dezotti expulsos. Assım, também pela primeira vez, o cartão vermelho foi mostrado numa decisão de Copa do Mundo. O desespero quando o juiz marcou o pênalti, aos 40 minutos do segundo tempo, lembrou a reação de quem por um momento imaginou ser possível escapar do inevitável. "Chorei por meu povo, pela perda do título e por minha filha Dalma, que não me viu campeão em 1986", explicou Diego Maradona seu pranto incontrolável no palco armado para a premiação.

"Maradona agora tem que entender que o número I é de Matthaus", ful-





Para alegria de craques como Kiinsmann, Brehme e Littbarski (abaixo), o capitão Matthaus levanta a laça



minou Beekenbauer, com razão. E não so de Matthaus. Mas também do habihdoso Brehme, que desfila talento pela lateral do campo. O titulo tem a parcela do incansável Hassler, um baixinho bom no desarme e melhor na reorganização das jogadas de ataque Precisa ainda ser dividido entre os implacaveis Voller e Klinsmann, uma dupla de atacantes com coragem, força e pontaria. E pertence, e claro, a Franz Beckenhauer, um modelo de tremador, cerebral, carismatico e competente. Uma combinação de talentos que so poderia levar ao tricampeonato O tutebol, comovido, agradece.

### A DECISÃO

ALEMANHA 1 X ARGENTINA D Local Olimpico (Roma Julz Edgardo Codesa\* Mexico) Publico 73 803 Gol Brehme (penalt)

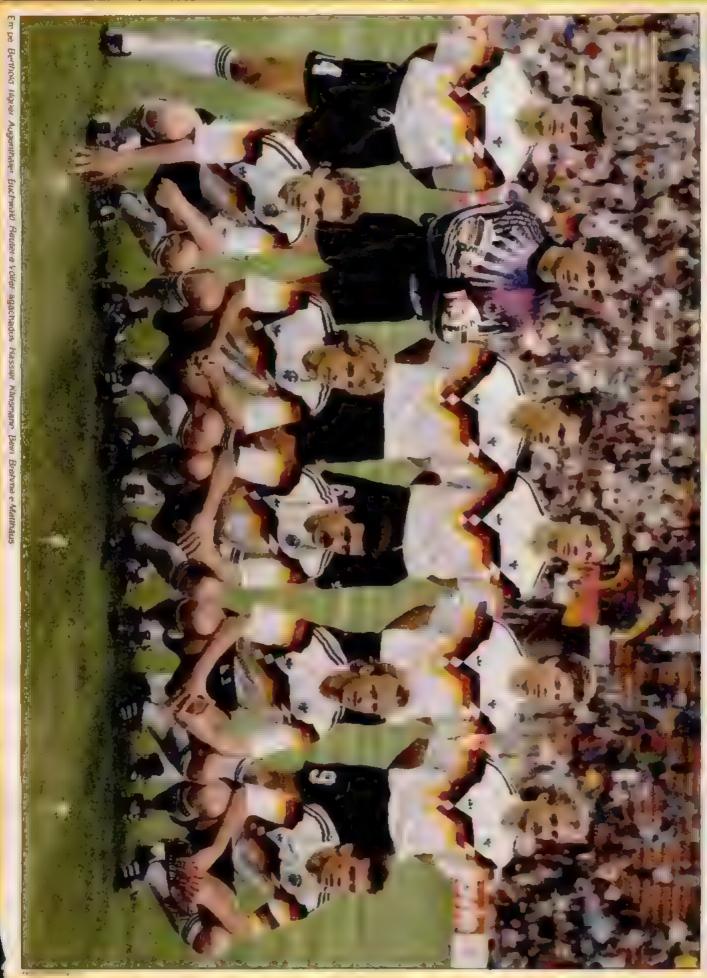
ALEMANNA Illioner Augenthaler Buchwald e Kohler Berthold (Reuter) Hassler Mathaus Littbarski e Brehme Voller e Kinsmann Tachico

ARGENTINA Goycoschea, Simon, Ruggeri (Mon-zón) e Serrizuela Sensim, Burruchaga (Caideron Trogho, Basualdo e Lorenzo, Maradona e Dezott

### O ARTILHEIRO

MATTHAUS precisou de tres Copas para ser reconhecido. Em 1982 ainda promessa, teve poucas opor tunidades e viu sua Aiema nha ser vice: quatro anos depois, já titular, ficou de novo em segundo diante di talento de Maradona, en 1990 porem, se fornou i estrela da competição. Foi goleador de sua esquadra com quatro gols, e o princi pal articulador do time de Beckenbauer, 'Hoje em dia qualquer seleção tem bons jugadores , define o arti theiro "A determinação ta nca e o preparo Jisico fazem a diferença, Aos 29 mos Matthaus sá era destaque de italiana Internazionale cam peâ da temporada 1988 1989 "Ele nunça terra atm gido este nivel se não tivesso ve transferido para a la ha , explica seu maior ad mirador Beckenbauer





## FLAMENGO

# LIBERTADORES DA AMÉRICA, LÁ VAMOS NÓS

O dramático tudo-ou-nada da final com o Goiás

derrota para o Grêmio por 0 x 1 em Juiz de Fora, no dia 4 de novembro, teve um duplo significado para o Flamengo: a prematura desclassificação do Campeonato Brasileiro e a detonação de um esquema de emergência para a conquista da Copa do Brasil. O rubro-negro precisava levar algum troféu para a Gávea para acalmar sua exigente torcida. Afinal, ela não experimentava o gosto de um título desde 1987, quando o Mengo ganhou a Copa União sob o comando do ponta-direita Renato Portaluppi. Pois foi novamente ele, dessa vez coadjuvado pelo inseparável amigo Gaúcho. quem liderou o time na invicta campanha da Copa do Brasil

Foram dez jogos, com seis vitórias e quatro empates. Além disso, o rubro-negro exibiu o ataque mais eficiente e a defesa menos vazada - vinte gols a favor e apenas quatro contra. Para completar, saiu da Gávea o artilheiro da competição -- o centroavante Gaúcho, com cinco gols. "Fiz a melhor dupla da minha vida com e Renato. A meu lado, ele até aprendeu a fazer gols", brinca Gaúcho. Com quatro gols, Renato foi, de fato, um dos pontos de desequilíbrio dos jogos. O Flamengo mudava a formação constantemente e tinha nele e em Júnior os únicos craques de uma equipe que o técnico Jair se incumbia de renovar. "Os problemas se empilhavam", recorda Jair. "As vezes quebrava a cabeça para escalar onze, tantas foram as contusões e suspensões."

Tudo isso, porém, foi esquecido na noite de 4 de novembro. Como alguém que após levar um fora da Juma recebe acenos da Luma, horas depois da desclassificação do Campeonato Brasileiro o Flamengo armava uma operação de guerra para vencer a Copa do Brasil — a rigor, a mais fácil das duas trihas que vão dar na Libertadores. Afinal, a equipe já havia vencido o primeiro confronto com o Goiás, três dias antes. Na decisão, no Serra Dourada, o empate bastava. Em Goiá-



Alegria rubro-negra, com muito menos trabalho, tanto lucro quanto o campeão brasileiro



A decisão em Goiania resistencia heroica

nia, um boato sobre contaminação da comida fez a delegação sair às escondidas do hotel para procurar um restaurante. Apenas o supervisor sabia antecipadamente dos passos do time. Até para os jogadores as escapadas do hotel eram surpresa.

"Estávamos sempre atentos para que nada quebrasse a nossa rotina", lembra Renato. Seguranças levados especialmente do Rio de Janeiro postavam-se nas portas dos apartamentos, com ordens de impedir a aproximação de estranhos. "Estávamos tensos, loucos para que aquilo terminasse e chegasse logo a hora do jogo", recorda Gaúcho. Na saída para o Serra Dourada, os jogadores tinham ordem de permanecer em grupo, enquanto o batalhão de seguranças fazia o cerco. Jair Pereira



O atacante Renato ponto de desequilibrio na campanha, quatro gois, cruzamentos para o artilheiro Gaucho e o virtuosismo de sempre



confessaria mais tarde que esse exagerado aparato foi deliberado - uma forma de armazenar agressividade sadia. para ser liberada só na hora da batalha.

Em campo, o Flamengo reeditou aquelas jornadas que construíram sua imagem de time de raça. O empate servia? O objetivo, então, era não tomar gol, segurar o Goiás a qualquer preço Embora errando sucessivos passes, os rubro-negros fecharam-se com competência em tomo do goleiro Zé Carlos, o herói da final com defesas impossíveis Ao sair do Serra Dourada, a comitiva foi devorar um churrasco de boi gordo abatido na véspera especialmente para a ocasião. O Flamengo estava de volta à Copa Libertadores da América. Agora, é sonhar com o Japão e ir engordando outro boi, para a churrascada do título de bicampeão mundial.

### A DECISÃO

### GOIAS 0 x FLAMENGO 0 4 novembro/90

Local Serra Dourada (Gorânia) Juliz Renalo Mar sigila Renda Cr\$ 47 829 200. Publico: 45 504 GOtAS Eduardo Wilson (Rubens Carlos), Ri-chard, Jorge Batata e Dation Wallace, Fagundes e Luvanor Nillinho, Túlio a Josué (Agnaido) Técnico Sebestiao Lapola

FLAMENGO: Ze Carlos, Ailton, Vitor Hugo. Rogêno é Piá Udemar Junior e Bobō (Nélio), Renalo, Gaucho Marquinho; e Zinho, Técnico: Jair Pereira

### O ARTILHEIRO





Sunior, numa equipe em reformulação, a fundamental experiência que levou ao título

GAUCHO tem 1.82 m. e capaz de pular até 80 centímetros e possui um invejável senso de colocação. Assim, não é de estranhar que, dos 39 gols que marcou pelo Flamengo em 1990, trinta deles tenham sido de cabeça. Na Copa do Brasil foi um total de cinco. "O sabor foi especial. Afinal, já joguei nos juniores do Mengo e fui dispensado", recorda

### A CAMPANHA

Flamengo 5 x Capelense 1 Capelense 0 x Flamengo 4 2.º FASE

Flamengo 2 x Taguatinga 0 Taguatinga 1 x Flamengo 1 3.º FASE

Bahia 1 x Flamengo 1 Flamengo 1 x Bahia 0 SEMIFINAIS

Framengo 3 x Náutico 0 Nautico 2 x Flamengo 2

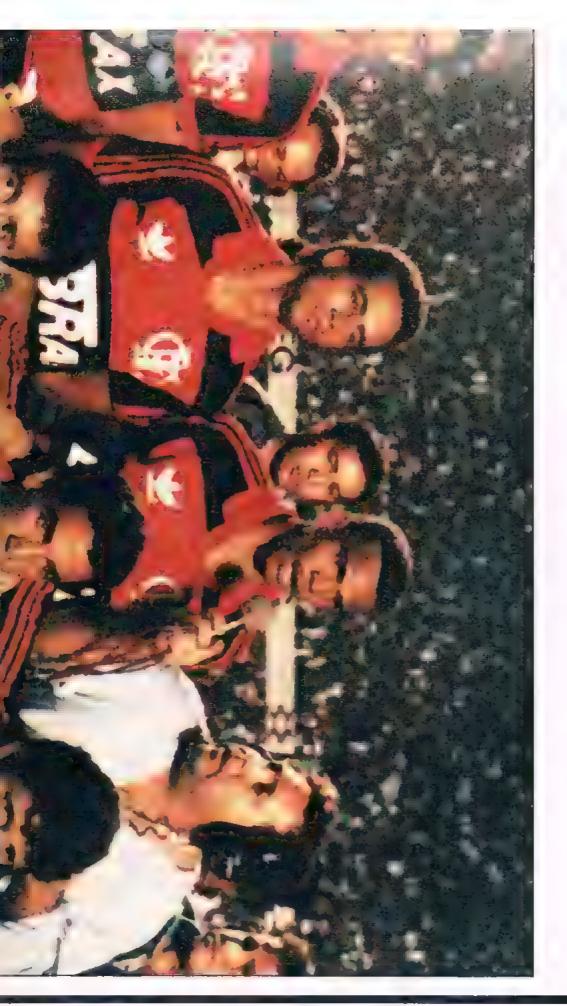
FINAIS

lamengo 1 x Goiás 0 Golds 0 x Flamengo 0



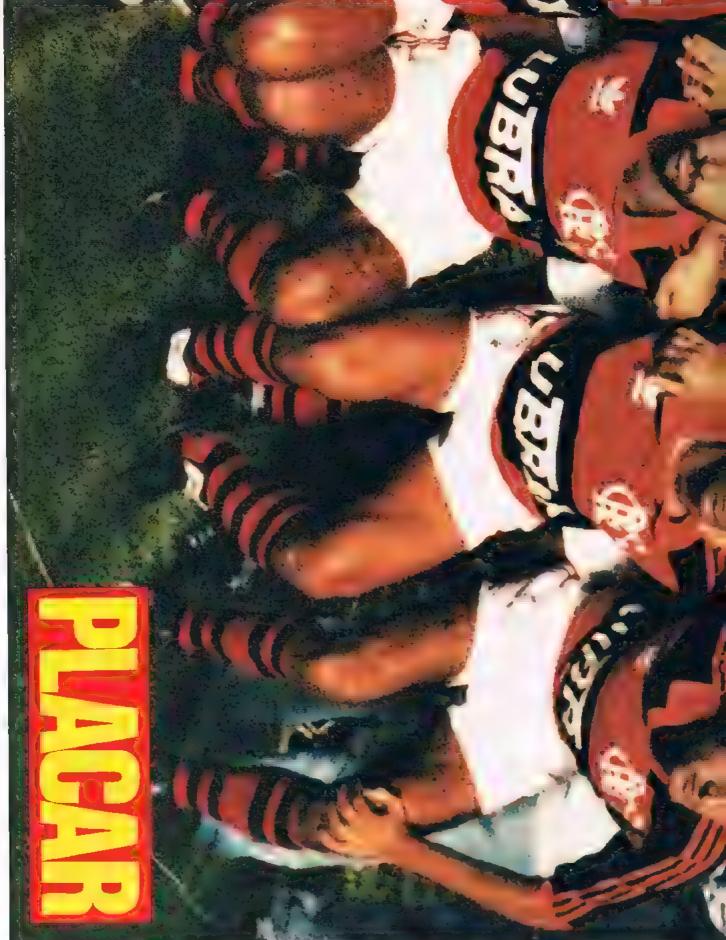
# FLAMENGO







Em pé. Júnior, Zé Carlos, Rogério, Vítor Hugo Allton e Piá; agachados: Renato, Gaúcho. Bobô, Zinho e Uldemar



Cada Cana

# NÃO DEIXE, QUE LHE TIREM ATÉ O SEU CACHORRO-QUENTE!

Uma corrente contra o baixo-astral neste verão



"Um homem vivia na beira da estrada e vendia cachorros-quentes. Não tinha rádio e, por deficiência de vista, não podia ler jornais, mas, em compensação, vendia bons cachorros-quentes Colocou um cartaz na beira da estrada, anunciando a mercadoria, e ficou por ali, gritando quando alguém passava: — Olha o cachorro-quente especial!! E as pessoas compravam. Com isso, aumentou os pedidos de pão e salsichas, e acabou construindo uma boa mercearia. Então, mandou buscar o filho, que estudava na Universidade, para ajudá-lo a tocar o negócio, e alguma coisa aconteceu. O filho veio e disse: — Papai, o senhor não tem ouvido rádio? Não tem lido jornais? Há uma crise muito séria, e a situação internacional é perigosíssima! Diante disso, o pai pensou: — Meu filho estudou na Universidade! Ouve rádio e lê jornais, portanto, deve saber o que está dizendo! E então reduziu os pedidos de pão e salsichas, tirou o cartaz da beira da estrada, e não ficou por ali, apregoando os seus cachorros-quentes. As vendas carram do dia para a noite, e ele disse ao filho, convencido

— Você tinha razão, men filho, a crise é muito séria!"
texto original de um amunou da Unakei State Menas Co. publicado em 11 a 11 mo de 1988 e dividação o pelo agenças FITCL de São Paolo, em novembro de 1998.

Uma contribuição do Grupo Masculino da Divisão de Revistas da Abril para quem tem bons produtos e boas idéias para dar e vender. Entre nesta corrente contra o baixo-astral, enviando uma copia desta pagina para dez amigos mais fortes que a recessão. Se ninguem quebrar esta corrente, poderemos comer nossos cachorros quentes em paz

PLAYBOY

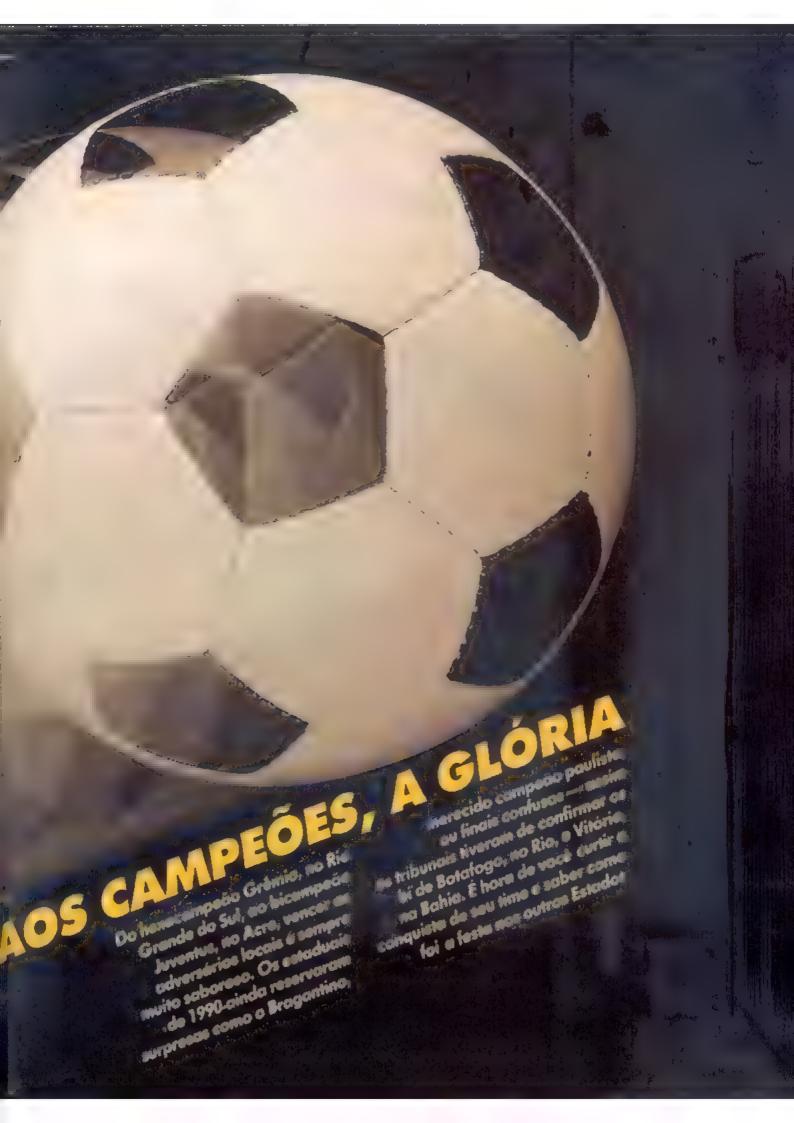












# PAULISTÃO, TEU NOME É BRAGANÇA

Como surgiu um novo grande clube em São Paulo

decidiu que era pouco ser conhecida como a capital da laranja e investiu o que pôde na formação de um time de futebol. A fórmula do "cresça-e-apareça" encontrada pelos limeirenses culminou no título paulista de 1986, o primeiro vencido por uma equipe do interior

Até o início deste ano, Bragança Paulista também não passava de um simples ponto no mapa do Estado. O único produto de orgulho para seus habitantes, reconhecido e famoso em outras cidades, era a pura linguiça de porco, feita artesanalmente. Mas, assim como o que era laranja virou futebol de primeira qualidade, também o que era linguiça passou a segundo plano, vencido por um outro belo time de futebol. O título paulista, nessa história, foi conseqüência. "Com toda a metodologia de trabalho iniciada em Bragança, a conquista de um lugar ao sol era inevitável", sinteti-

zou o treinador Wanderley Luxemburgo da Silva.

Carroca de 37 anos, virgem de futebol paulista mas estudioso da escola percornda pelo ex-técnico da Seleção Brasileira Cláudio Coutinho, Wanderley Luxemburgo sempre defendeu uma prática fortemente inspirada em seu conhecimento acadêmico Para ele, por exemplo, a preparação física é capaz de empatar qualquer jogo, "Um time mediocre e bem preparado consegue ser superior a outro apenas muito bom tecnicamente", gosta de repetir.

Dentro dessa filosofia, desde que chegou a Bragança, há dois anos, Luxemburgo admite que o outro ingrediente a completar a fórmula de sucesso do Bragantino é a família Chedid. Patriarca do clube há quase trinta anos, Nabi Abi Chedid delegou todos os poderes a seu filho Marcos Chedid, responsável pelo departamento de futebol do clube. "Investir em



A mania da cidade que era conhecida so por sua inguiça de porco torcer para o Braga



Tipa lo moderno igoi na primeira partida da decisão (acima) e muita luta no meio-campo (a direita).







MAZINHO conseguin aparecer como finalizador de primeira numa equipe em que era difícil um artilheiro sobressair — a obrigação de fazer gois era de todos. Mesmo assim marcou nove, três menos que o goleador do campeonato, Rubem, Guarani, Com 1,80 m, Waldemar de Oliveira Filho, 25 anos, o Mazinho, aprovettou a boa estatura para marcar vários gols de cabeça. Seu ponto forte, porém, é a boa colocação na entrada da área. "Tenho facilidade para chegar batendo", explica. Nascido no Guarujá, ele iniciou sua carreira no Santos e foi emprestado ao São Ben-10. de Sorocaba. Ao se destacar, transferiu-se para o Bragantino.

material humano foi o caminho encontrado", garantiu Marcos Chedid.

Suas palavras reverteram em números. Para chegar ao título do Paulistão em somente dois anos na Divisão Principal, o Bragantino investiu bastante. Só a folha de pagamentos do time profissional beirava os 45 000 dólares na época, mais do que o dobro da folha corintiana. O prêmio pela conquista do campeonato também foi alto e rendeu a cada jogador 24 000 dólares. E. para que isso não parecesse desvios de uma trajetória-relâmpago, na semana em que decidiria o título com o Novorizontino o Bragantino ofereceu 2 milhões de dólares pelo passe do meia Neto. O presidente do Corinthians, Vicente Matheus, escalou o meia para a primeira partida do Campeonato Brasileiro e conseguiu inviabilizar o negócio.

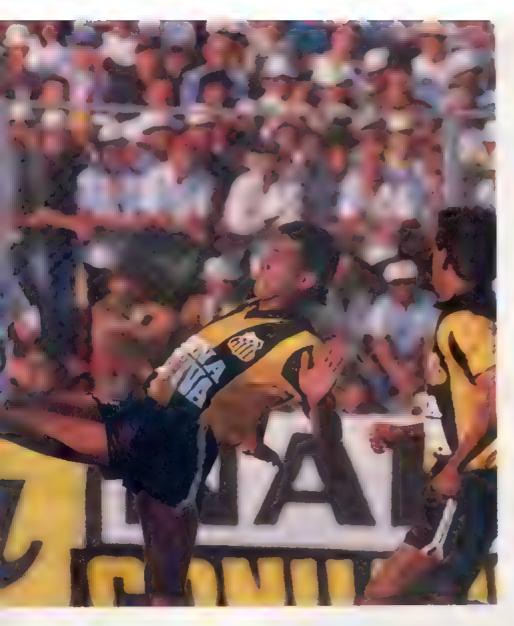
Esse mesmo tipo de postura transferiu para Bragança a equipe médica de Marco Aurélio Cunha, que em dez anos de São Paulo criou fama de uma das melhores do país. "Em pouco tempo, o Bragantino será um laboratório, um exemplo de ponta no futebol", profetizou Marco Aurélio Cunha.

Para que isso também saísse do campo das palavras vale lembrar que os equipamentos do departamento médico, onde foram investidos cerca de





Heróis de Bragança
Paulista, Ivair,
um implacável
marcador no
meio-campo
(à esquerda), e
o lateral-diretto
Gil Baiano (àcima),
magnifico cobrador
de faltas e
presença garantida
na Seleção
Brasileira de Falcão



150 000 dólares, permitiram que seis atletas do time titular do Bragantino se recuperassem em tempo recorde e jogassem as duas partidas finais do campeonato contra o Novorizontino.

Esse ritmo profissionalmente alucinante é respaldado pela fortuna da família Chedid - que controla cinco empresas de ônibus com uma frota de 600 veículos — e pela competência do treinador Wanderley Luxemburgo. Aliado à tranquilidade típica de um time do interior, tudo isso deu ao Bragantino todas as armas para o título

"Nós aqui somos reconhecidos como atletas profissionais e encarados como amigos pelos torcedores", definiu o volante Ivair, na cidade desde a conquista da Segundona paulista, em 1988, "Dentro de campo, eu vejo meu vizinho na arquibancada. E por um amigo eu corro o triplo atrás da bola", completou

Resultado: os títulos estaduais da Segundona (há dois anos), da Primeira (agora) e o Brasileiro da Divisão de Acesso (em 1989) começaram a soar com naturalidade aos habitantes de

Bragança. "Queremos fazer da comemoração dos campeonatos uma rotina para a torcida", alardeou Marcos Chedid. Não é à toa, portanto, que na Seleção Brasileira do treinador Falcão há quatro atletas do Braga. "Somos o grande do tamanho certo", bem definiu o zagueiro e capitão Nei, um dos maiores ídolos da cidade. Afinal, se Limeira fala da laranja como algo secundário, Bragança também pode deixar sua lingüiça para as horas de lazer. Aos olhos do resto do país, o sabor da cidade é mesmo o do futebol do Bragantino.

### A DECISÃO

### TOWN OF MANY THE PERSON 26/agosto/90

Locat: Marceio Stefarii (Bragacça Paulista). Juliz: Jo-sé Aparecido de Oliveira, Rende: Cr\$ 8 505 000. Púrbilico: 15 000 Gols: Fernando 21 e Tiba 26 do 2.º BRAGANTINO Marcelo, Gli Baiano, Júnior Carlos Augusto Biro-Biro, Maurio Silva (Franklin) Ivari Mazinho (Robert) e Tiba; Mario a João Santos Técnico Wandersey Luxemburgo NOVORIZONTINO: Mauricko Odeir (Edmilson).

Marcão, Tillozinho e Édson, Barbosa, Roberto Cearense (Flávio) e Róbson Técnico: Netsinho

### **A CAMPANHA**

### 1.º TURNO

Bragantino 1 x Botafogo 0 XV de Jaú 1 x Bragantino 0 Bragantino 2 x Ferroviária 1 Santo André 1 x Bragantino 3 Bragantino 2 x XV de Piracicaba 1 São Bento 1 x Bragantino 1 Bragantino 1 x Norceste 0 Ponte Preta 0 x Bragantino 3 Bragantino 4 x Juventus 0 América 1 x Bragantino 0 Bragantino O x Ituano Catanduverse 1 x Bragantino 0 2.º TURNO Bragantino 1 x Corinthians 1 Internacional 1 x Bragantino 2 Bragantino 0 x Novorizontino 0 Portuguesa 1 x Bragamino 2

Bragantino 2 x Santos 0 Bragantino 0 x São Paulo 0 Guerani 1 x Bragantino 0 Bragantino 0 x São José 0 União 1 x Bragantino 0 Bragantino 2 x Mogi-Mitim 1 Palmeiras 0 x Bragantino 0 3.\* TURNO

XV de Jaú 1 x Bregantino 2 Bragantino 2 x Santos 0 Corinthiana 2 x Bragantino 2 Bragantino 2 x Bolafogo 1 Ituano 0 x Bragantino 2 Bragantino 2 x Mogi-Mirim 0 Santoe 1 x Bragentino 0 Bragantino 1 x XV de Jau 0 Mogi Mirim 0 x Bragantino 0 Bragantino t x Ituano 1 Botafogo 0 x Bragantino 1 ntino 0 x Corinthians 0 FINAIS

Novorizontino 1 x Bragantino 1 Bragantino 1 x Novorizontino 1



### Fiasco tricolor

O São Paulo protagonizou o maior vexame do Paulistão: caiu para a repescagem no meio do campeonato e lá ficou atolado. O elenço era o mesmo que disputaria a Brasileiro. A diferença — fundamental, como se viu --- é que um técnico se chamava Pablo Forlan e o outro, Telé Santana. Se o regulamento for respeitado, o São Paulo disputará o próximo Paulistão no Grupo 2, sem a companhia dos grandes

## BRAGANTINO



Em pe Gil Baiano, Junior, Biro Biro Carlos Augusto, Mauro Silva e Marcelo, agachados Ivair Tiba Mario Mazinho e Joao Santo



## Campeão paulista 1990

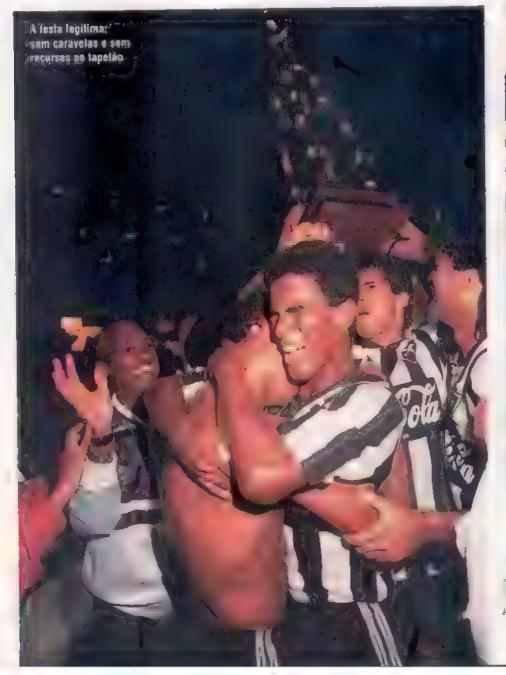


## JÁ ESTAMOS CANSADOS DE SER CAMPEÕES

O que anima são comédias como a que o Vasco fez

ara quem ficou 21 anos sem comemorar um único título, conquistar dois campeonatos cariocas seguidos pode ser sinal de que isso está se tornando uma saborosa rotina em Marechal Hermes. Só o espirito da festa mudaria, de temporada para temporada Em 1989, ao vencer o Flamengo na final, o Botalogo estava explodindo uma escrita que já ultrapassava duas décadas, e o fez com as lágrimas da emoçao. Em 1990, após derrotar o Vasco da Gama por 1 x 0 na decisão, os alvinegros riram a valer, pois a galhofa se instalou no gramado do Maracana Tentando contestar o caneco do Botatogo com uma interpretação umlateral do regulamento, os cartolas vascaínos mandaram o time fazer uma ridicula volta olímpica, que nem sequer se completou. Os botatoguenses quase morreram, de tanta gargalhada

Comedia à parte, fez-se justiça à equipe mais regular e eficiente da competição. Em contagem corrida, ela somou 34 pontos, contra 33 do Vasco, que, aliás, disputou uma partida a mais. Além disso, apresentou a defesa menos vazada — dez gols — e foi derrotada apenas uma vez, pelo América de Três Rios. O caneco e os números adquirem mais valor quando se recorda que os alvinegros enfrentaram um ca-







Um time de decisão acima. Carlos Alberto Dias marca o goi do título, abaixo, o ider Gottardo pede garra aos companhe ros



#### O ARTILHEIRO

PAULO ROBERTO praticava cobranças de penalti após os tremos do Botafogo até a noite invadir Marechal Hermes. A recompensa veio: ao lado do ponta-direita Donizete (hoje no Guadalajara, do México), ele foi um dos artilheiros da equipe, com cinco gols, todos de penalidade. "Foi uma alegria inesquecivel", orgulha-se ainda hoje o ex-lateral do Vasco da Gama. Ele não se limitou a treinar. Em seu videocassete. estudava as manhas dos goletros. Fot assim, por exemplo, que enganou Zé Carlos ao marcar o primeiro gol do Botafogo nos 2 x 0 que despacharam o Flamengo, na última rodada antes da fase decisiva do campeonato





Fibra de bicampeão: o volante Carlos Alberto transforma o garoto Bismarok em figurante

minhão de problemas. Quem aplaudisse a abnegação dos jogadores poderia até esquecer que todos estavam com os salários atrasados. Mais: uma mitionária, irrecusável proposta do Vera Cruz, do México, tirou de Marechal Hermes o competente técnico Edu e o responsável pelo inesgotável fôlego da equipe, o preparador Nardo Siqueira, logo após a Taça Rio. Antes, mas também durante o certame, o maior craque da equipe, o zagueiro Mauro Galvão, fora vendido para o Lugano, da Suíça. Quer dizer, o Botafogo foi bicampeão na raça. Mesmo!

A vaga nas finais, conquistada pelo índice técnico, só foi definida na última rodada do segundo turno. O Bota enfiou 2 x 0 no Flamengo e, no dia seguinte, o Bangu fez o serviço no Vasco. Pelo regulamento, o título seria decidido pelo alvinegro contra o vencedor de Vasco x Fluminense. Um absurdo. Mas, como lei é lei, os dirigentes de Marechal Hermes fizeram o que lhes competia — recusaram-se a discutir o que estava escrito. A segunda

tarefa era conseguir um substituto à altura do técnico Edu. Tarefa teoricamente difícil. Além de ter dado apreciável harmonia a um conjunto tecnicamente inferior ao de 1989, Edu era um mestre em conquistar a amizade — e o empenho — dos jogadores. O raciocínio dos dirigentes foi correto. Nenhum treinador conseguiria aprimorar o trabalho de campo, ainda mais tratando-se de uma única e decisiva partida. Optou-se, então, por alguém do tipo amigo e bom-papo. E este morava em Marechal Hermes: Joel Martins, técnico dos juniores.

Por fim, quem substituiria Mauro Galvão na tarefa de comandar o grupo? A ausência do carismático capitão permitiu que aflorasse uma liderança insuspeitada — a do zagueiro-central Wilson Gottardo. O bravo Gottardo se transformou numa das maiores figuras da guerra pelo título. Naquele 29 de julho, após a vitória por 1 x 0, coube a ele avisar aos vascaínos e ao juiz, Cláudio Garcia, que a faixa de campeão ja-



Sem prorrogação lo capitão Wilson Gottardo avisa o luiz que vale o que esta escrito



Valdeir destaque em jogos contra o Vasco

mais seria arrancada do peito dos botafoguenses. "O Botafogo não vai disputar prorrogação nenhuma. Não compactuamos com essa palhaçada", avisou. E deu as costas. Em maior número no Maracanã, a torcida alvinegra explodiu em apoio a seu líder. "Gottardo! Gottardo!", gritava ela.

O andamento da decisão não foi nada daquilo que os vascaínos anteviam O Super-Vasco, o Sele-Vasco, o melhor time do Brasil, depois de passar por cima do Flummense, liquidaria o Botafogo, como quem cumpre um fulgurante ritual de encerramento. Na vida real, no entanto, o que se viu foi o Glorioso dar um passero em campo, levando sempre mais perigo ao gol de Acácio. A equipe brilhou como conjunto, mas toda decisão tem seu herói. E dessa vez não foi diferente. Como o predestinado ponta-direita Maurício, que entrou para a história com seu gol contra o Flamengo na decisão do ano anterior, o meio-campo Carlos Alberto Dias confirmou uma premonição do vice-presidente Emil Pinheiro, Dias, ex-Coritiba, chegou a acertar com o Flamengo, mas Emil travou uma luta sem tréguas para levá-lo para Marechal Hermes.

O sacrifício foi recompensado aos 3 minutos do segundo tempo. Dias, que se mostrava sonolento em campo e por não fora pouco substituído, de repente acordou, fez

uma rápida tabela com Dejair e bateu de esquerda na saída de Acácio. A massa alvinegra sabia que o bicampeonato estava garantido e não parou mais de pular e cantar. Até o apito final, a equipe bloqueou os avanços do Vasco e tocou a bola com a consciência dos campeões. Depois, os risos. Aquela cena vascaína de pegar emprestada uma miniatura de caravela com alguém da geral e ensaiar uma volta olímpica, então, foi impagável

#### A DECISÃO

VASCO 0 x BOTAFOGO 1

29/julho/90 Local: Marecană (Rio de Janeiro), Julz: Cláudio

Carcia, Renda, Cris 10 795 500 Publico, 35 083. Garcia, Renda, Cris 10 795 500 Publico, 35 083. Gol- Carlos Alberto Dias 3 do 2 ° VASCO: Acácio, Luis Carlos Célio, Quinonez e Mazinho: Zé do Carmo, Marco Antônio Boladeko e Bismarck, Tita, Sorato e William (Roberto). Técni-

BOTAFOGO: Ricardo Cruz, Paulo Roberto, Wilson Gottardo, Gonçalves e Reneto, Carlos Alberto, Lui sinho e Dejair (Gustavo), Donizete, Valdeir e Carlos Albarto Dias, **Técnico**: Joel Martins

#### CAMPANHA

1.º TURNO

América o x Botafogo 0 Botalogo 2 x Americano 1 Botalogo 2 x Bengu 2 Cabofriense 0 x Botalogo 0 Botalogo 2 x Fluminariae 0 Botalogo 1 x Campo Grande 0 Botafogo 1 x Vasco 1 Botafogo 1 x América-TR 0 Nova Cidade 0 x Botafogo 1

Itaperuna 0 x Botalogo 0 Bolalogo 2 x Flamengo 1 2.º TURNO

Vasco 1 x Botafogo Americano 0 x Botafogo 0
Botafogo 0 x América 0
Botafogo 6 x Cabolriense 3
Botafogo 0 x Fiuminense 0
Bengu 0 x Botafogo 0 América-TR 1 x Botafogo 0 Botafogo 4 x Neva Cidade 0 Campo Grande 0 x Botalogo 2 Botalogo 1 x Itaperuna 0 Flamengo 0 x Botafogo 2

Vasco 0 x Botalogo 1

DESCRIPTION OF THE PERSON OF T



#### Circo mambembe

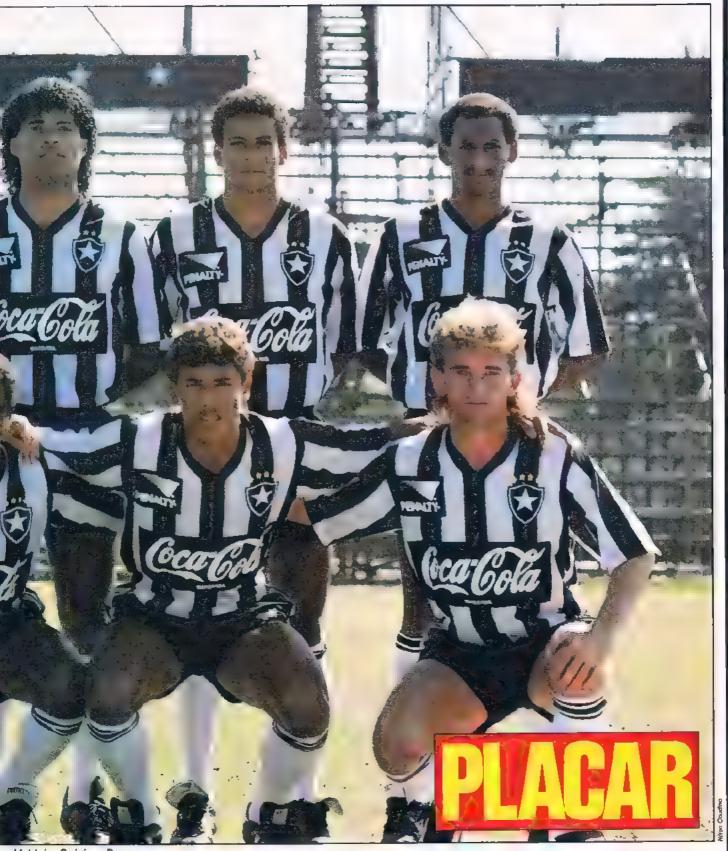
O regulamento era confuso mesmo. Dizia que os ganhadores de ternos (Vasco e Flu) se enfrentariam e o vencedor disputaria o titulo com o time de melhor campanha (Botafogo) em um jogo. E também que "a associação com major número de pontos" no fase final seria a campeá. Mas não previa a prorrogação pedida pelo Vasco. A volta olimpice foi ridícula. Tanto que o STJD confirmou o título do Glorioso

# BOTAFOGO



Em pér Paulo Roberto, Ricardo Cruz Wilson Gottardo, Gonçaives, Carlos Alberto e Renato agachados Carlos Alberto Dias Luis

## Bicampeão carioca 1989/90



o, Valdeir, Dejair e Berg



## PARA FERIR OS CORAÇÕES COLORADOS

Os 4 x 1 da final deixaram o Inter em terceiro



O Inter até que assustou, com seu goi no inicio do segundo tempo. Mas cenas como esta ao lado se repetiram por mais três vezes. No fim, o garoto. Assis (abaixo) foi comemorar junto à enfouquecida torcida tricolor com champanhe.





os 19 minutos do segundo tempo, Cuca avança pela intermediária do Internacional. A bola quica a sua frente, parecendo lhe escapar ao dominio Mas, quando vai descendo, o armador a acerta com o peito do pé esquerdo. A bola toma um efeito incrível - sobe e vai cair às costas do goleiro Maizena, dentro do gol. Eis aí um lance com todos os ingredientes que dão emoção a uma decisão de campeonato. Esse lindo gol desempatou a partida, alargando o caminho que levaria à goleada de 4 x 1 sobre o Inter e ao título de hexacampeão gaúcho. Foi o primeiro de Cuca em Gre-Nais, depois de três anos vestindo a camisa do Grêmio. Para arrematar, foi também o último - no dia seguinte, ele e o zagueiro Luís Eduardo embarcaram para a Espanha, pois já estavam vendidos ao Valladolid

Por tudo isso, as honras do dia foram endereçadas a Alexi Stival, o Cuca. Merecidamente. Com seu futebol voluntarioso, esse sempre incansável meia-direita simbolizou o estilo guerreiro do tricolor nos anos em que o de-

fendeu. E confirmou tudo na partida do adeus — com o afortunado acrescimo do gol que nunca havia marcado, um gol que deixou sem argumentos os criticos que não lhe perdoavam essa talta

Mas o Gre-Nal do sexto título consecutivo tambem teve outros heróis. As sis, por exemplo, que abriu a goleada com uma surpreendente cobrança de falta logo aos 5 minutos. Outro: o ponta-esquerda Paulo Egídio, autor dos dois últimos gols, com arrancadas em diagonal que apavoraram os zagueiros do Inter. Mais um: o nem sempre reconhecido volante Jandir, que, com seu poder de marcação e correta distribuição na saída de bola, foi um gigante dominador no meio-campo. Na verdade, ninguém jogou mal nesse clássico A equipe exibiu tranquilidade e harmonia - o que significa mérito também para o técnico Evaristo de Macedo Contratado com o campeonato em andamento, ele conteriu ao time um padrão de jogo que Paulo Poletto, por diversos motivos, não conseguira dar

Por fim, deve-se repetir que a manu

#### O ARTILHEIRO

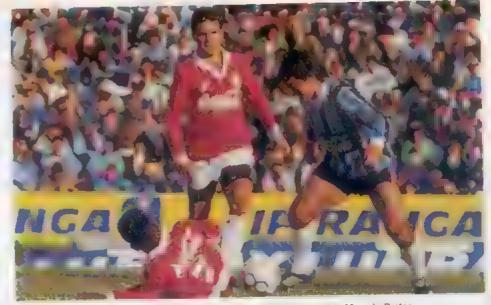
NILSON fez um Campeonato Gaúcho arrasador, Marcou 22 dos 62 gols do Grêmio, o que significa mais de um terço. No início, ele recebeu muitas críticas. Diziam que não fazia gois nos enfumaçados jogos no interior do Estado. Mas logo se viu que 1850 era bobagem. Matador implacável, o esguio centroavante tricolor tem seu ponto forte no aproveitamento das bolas cruzadas na pequena área. Por cima ou por baixo. é tudo com ele. Nílson Ezídio não perdoa.



#### Recorde negativo

Ao terminar o Campeonato Gaucho em terceiro lugar, em igualdade de pontos com o Juventude, a Internacional fez uma das piores campanhas de sua história. Não por acaso. Além de formar um ejenco limitado, o clube trocou de técnico quatro vezes. Começou com Cláudio Duarte, que cedeu o posto a Ernesto Guedes, Este foi substituído por Levir Culpi, que seria tracado por Valdir Espinosa um mês depois. É quem entra no lugar de Espinosa nos jogos finais? Ernesto Guedes. No Brasileiro, trabalharam dois: Orlando Bianchini e Ênio Andrade. Ufa!





Paulo Egidio, o pequeno herór: dois gois e dribles como o que entortou Marcelo Prates

tenção da hegemonia resulta também do bom senso e da clarividência dos dirigentes, o que pode ser traduzido por uma expressão — poder de síntese. Em vez de saírem a gastar dinheiro com diversas contratações, eles iniciaram o ano com um único e certeiro reforço: ninguém menos que o centroavante Nílson, que brilhara no Internacional e cujo passe pertence ao empresário Juan Figer. É verdade que, lá pelas tantas, a defesa começou a ratear. Mas o problema foi rapidamente resolvido com a contratação do vigoroso zagueiro João Marcelo, do Bahia. Resultado: preservado o conjunto com essas únicas duas mexidas, a equipe ganhou os dois turnos de classificação e

faturou o quadrangular decisivo, contra Inter, Caxias e Juventude.

Por uma tronia que ainda fere os corações colorados, o Grêmio perdeu os Gre-Nais da fase classificatória — como se quisesse dar ao rival a ilusão de que a disputa do título seria parelha Como se viu, não foi. O tricolor chegou ao hexa jogando todo o seu futebol na parte da competição que valia e o Inter amargou um humilhante terceiro lugar, atrás do Caxias e ao lado do Juventude. Mas também é verdade que o técnico Evaristo de Macedo tomou, a certa altura, uma importante decisão para que isso acontecesse.

Até as últimas partidas do segundo





Oureza nos dois empates em 1 x 1 com e Caxias no quadrangular, o Grêmio suou muito mais

turno, o Grêmio vinha jogando com dois volantes de marcação no meio-campo — Jandir mais Lino, ou João Antônio ----, com Cuca mais à frente. Funcionava, mas não com a desenvoltura que se exige para o Campeonato Gaúcho, que o time tem a obrigação de vencer sempre. Evaristo se deu conta, preparou com carinho o menino Assis e escalou-o na meia-esquerda, à frente de Jandir e na mesma linha de Cuca. A equipe passou a atacar com muito mais naturalidade. Como no clássico de encerramento, para ficar no exemplo mais notável.

Enquanto o Inter se armava defensivamente, dando a impressão de que seria inexpugnável, o tricolor se distribuía com equilibrio - e, além de permitir poucas conclusões ao adversário, foi empilhando seus gols com a mator naturalidade. Até o zagueiro Luís Eduardo se desprendia de trás, em contragolpes de surpresa. No início do segundo tempo, o colorado Zabala empatou, num lance em que o lateral Fábio falhou na rebatida O Grêmio, ao contrário de se desesperar, continuou no mesmo ritmo. O desempate - com o golaco de Cuca - veio naturalmente. Aos 31, Paulo Egídio rouba a bola do zagueiro Sandro, entra na área e toca rasteiro, no canto: 3 x 1. Aos 40, aproveitando cobrança de falta de Assis, o mesmo Paulo Egídio, um nanico abusado, completa a humilhação com uma cabeçada. Os torcedores do Inter nem estão mais no Olímpico - começaram a ir embora depois do gol de Cuca. No final, o técnico colorado Ernesto Guedes aproveita que o gramado está tomado por torcedores e repórteres e agride o goleiro Mazarópi. É o desespero. Indiferente a tudo, a massa tricolor pula e dança. É o hexa!



#### A DECISÃO

GRÉMIO 4 x RITERNACIONAL 1

29 Julho/90

Local Olimpico (Porto Alegre) Julz Renato Mar signa Renda CrS 9 312 100 Publico 24 016 Gols Assis 5 do 1.º Zabala 2, Cuca 19 Paulo Egi dio 31 e 40 do 2 º

GREMIO Mazaropi Fábio João Marceio Luis Educido e Hercio Jandir Cuca e Assis Darci Ni sor e Paulo Egidio Técnico Evansto le Macedo INTERNACIONAL Maizena Chiquinho Sandro Zabala e Cello Danie. Norberto Julio e Luis Fernando Rudinei) Marcelo Prates Nelson e Edu Técnico Emesto Guedes

#### A CAMPANHA

1.º TURNO

Ypiranga 0 x Grêmio 1 Grêmio 4 x Caxias † Glona 0 x Grêmio 1 Grémio 3 x Esportivo 0 Lajeadense 1 x Grémio 1 Grémio 1 x Aimoré 1 Grémio 4 x Passo Fundo 1 Santa Cruz 1 x Grêmio 0 Guarany 0 x Grámio 2 Grémio 0 x Internacional 1 Grémio 6 x Novo Hamburgo 0 Perotas 0 x Grámici 1 Grémio 3 x Juventude 0 2 ° TURNO Grémio 1 x Ypirange 1 Caxias 4 x Grémio 2 Grémio 3 x Glória 0 Espertivo 1 x Grámio 0 Grémio 2 x Lajeadense 0 Aimore 1 x Gremo 5 Grémio 3 x Santa Cruz 1 Passo Fundo 0 x Grêmio 0 Grémio 3 x Guarany 1 Internacional 1 x Grémio 0 Novo Hamburgo 0 x Grémio 3 Grēmio 0 x Pelotas 0 Juvantuda 0 x Grénic 0 QUADRANGULAR FINAL Grémic 3 x Juventede Internacional Ux Gramio 1 Caxias 1 x Grémio Grémio 1 x Caxias Juventude 3 k Grémio 3 Grêmio 4 x Internacional 1



#### Destaque positivo

Quando o Caxias contratou o descanhecido técnico Orlando Bianchini e reformulou radicalmente seu grupo de atletas, todos apostaram no pior. Resultado: o melhor possivel. O time chegou em segundo no Gauchão. Note, surgiram surpreendentes revelações, como o armador Ranieli, o lateral Maraves (ambos no Palmeiras) e o centroavante Nilson (foto), que passou pelo inter e ooqal on auto ejod

# GRÊMIO



Em pe Mazarópi, Vilson, Alfinete, Luis Eduardo, Jandir e Hélcio agachados Caio Cuca, Nilson. Paulo Egidio e Assis

Hexacampeão gaúcho 1985/86/87/88/89/90





## UM AZARÃO RECUPERA SUA DIGNIDADE

mesmo se encheu de brios. Logo de

Desacreditado, o tricolor se encheu de brios

om a conquista do Pernambucano de 1990, o Santa Cruz finalmente recuperou a credibilidade — abaladísstma desde 1989, quando foi ridiculamente desclassificado na Segunda Divisão do Campeonato Brasileiro. Mas o caminho entre o descrédito e o reconhecimento foi árduo. Contratado o técnico Erandir Montenegro - ex-Treze da Paraíba, algoz do Santa na Segundona ---, o clube partiu para os reforços: o goleiro Raul, o zagueiro Marcão, o lateral Eduardo e os atacantes Wanks e Mazinho, todos de São Paulo.

No início, a cotação do tricolor era a pior possível. Apostava-se no Náutico, último campeão estadual e único pernambucano no Brasileiro; no Sport, pelos altos investimentos feitos; e só depois no Santa Cruz, que por isso cara surrou o Náutico e, em sua trajetória em busca do título do primeiro turno, derrotou de novo o favorito e empatou com o Sport. A dupla de zagueiros Marcão e Tanta comandava a defesa menos vazada do campeonato (apenas treze gols até o final) e Mazinho centralizava as jogadas de ataque. A torcida passava a acreditar. Na decisão do turno, contra o Sport, quando o empate bastava, o título veio por caminhos sinuosos — entortados pela falta de ética do adversário.

Acontece que os cartolas rubro-negros mandaram apagar os refletores da Ilha do Retiro quando o juiz marcou um pênalti contra sua equipe, no finalzinho — o Santa perdia por 2 x 1 e provavelmente empataria. No tapetão, os juízes foram unânimes em condenar o Sport e deram os dois pontos ao tricolor, que assim garantiu sua vaga na final.

Na segunda parte da competição, ocorreu uma ironia, que massageou o ego dos tricolores ao mesmo tempo em que pôs em risco o sucesso financeiro do campeonato: os estádios começaram a esvaziar, porque se passou a acreditar que ninguém tiraria o título do Santa. Não foi por salto alto que este perdeu o segundo turno para o Sport. Todo o mérito pertenceu ao rubro-negro, que, ao perder seu competente técnico, Lori Sandri, para o futebol árabe, iniciou uma surpreendente reação sob o comando do preparador físico Charles Muniz.

È chegamos à melhor de três pontos entre os dois times. Na primeira parti-

O favorito era o Náutico. mas também se falava no Sport. Nem a torcida do Santa apostava em seu time. No firm emocionada, eta entrou no maior frevo

#### A DECISÃO

SPORT Q x SANTA CRUZ 1

23/mato-90

Local, Ilha do Retiro (Reche), Juliz: José Araujo Rende: CrS 3 003 240: Pública: 22 994, Gol: Me nho 2 do 2 f

SPORT: Paulo Vitor Valtinho, Marcio Alcântara Nené e Glauco Lopes, Amauri (Sérgio Aives) e Adnano: Mirandinha (Edmilson), Fábio e Neco Tácnico: Charles Muniz

SANTA CRUZ- Raul, Marinaido, Marcão, Tanta e Eduardo (Cláudio), Mazo. Edmundo (Fernando Silve) e Mazinho: Leto. Marcelo e Wants Técnico Erandir Montenegro

SANTA CRUZ 0 x SPORT 1

Local, José do Rego Macier (Recite) Juliz: Arlindo Maciel Renda, Cr\$ 6 176 840: Publico: 58 860 Gol Glauco 30 do 1 º Na prorrogação. O x O SANTA CRUZ. Raul, Mannaldo, Marcão, Tanta e

Eduardo Mazo, Ataide e Mazinho: Leto (Fernando Silva) Marcelo e Wanks (Edmundo)

Técnico Erandir Montenegro SPORT, Paulo Vitor Valtinho, Aliton Mércio Alcântara e Glauco (Mirandinha): Lopes, Agnaido e Adriano Fábio (Sergio Alves), Ramón a Neco Técnico Charles Muniz





O primeiro jogo da decisão lo Santa Cruz fez 1 x 0 no Sport, um resultado providencial

da, na Ilha do Retiro, o Santa mostrou que não era fogo de palha — fez 1 x 0, gol do endiabrado Mazinho. Na segunda, com o Arruda tomado por 60 000 pessoas, a maioria de tricolores, a sorte favoreceu o Sport - 1 x 0, gol de Glauco, de falta. A prorrogação decidiria tudo. Ao Santa, o empate bastava.

A defesa segurava tudo. A torcida segurava o grito. Nos últimos instantes. Mazinho pega a bola no meio do campo e encobre o goleiro Paulo Vítor. Seria a glória. Seria. A bola bate no travessão. Mas tudo bem. O juiz apita o final e o Santa é campeão pernambucano. Com toda a dignidade.



#### O ARTILHEIRO

MAZINHO fez dezessen dos 65 gols do Santa Cric Ficou três atrás de Bizu, do Nautico, o artilheiro da competição, "Não me importo meu objetivo era ser cam peào", diz esse cearense que já atuou no Ferroviário de xua terra e no São Paulo "Alem disso minha posição original é no meio-campo justifica Mazinho, um jogador de tecnica apreciável.



#### A CAMPANHA

#### 1.º TURNO

1 \* fase

Estudantes 0 x Sama Cruz 3 Nautico 1 x Santa Cruz Senta Cruz 6 x 7 de Setembro 0 Central 0 x Santa Cruz Santo Amaro 0 x Santa Cruz 4 Santa Cruz 0 x Sport ( Santa Cruz 3 x America 0 2.\* fase Santa Cruz 1 x Central 0

Paulistano 0 x Santa Cruz 1 7 de Setembro 1 x Senta Cruz 2 Santa Cruz 6 x Estudantes 0 Santa Cruz 1 x Nautico 0 Santa Cruz 3 x Santo Amaro 0 Sport 0 x Santa Cruz 2 2.º TURNO

1.4 team

Santo Amaro 1 x Santa Cruz 2 Estudantes 0 x Santa Cruz ? Náutico 1 x Santa Cruz ? Santa Cruz 2 x 7 de Setembro 0 América 0 x Santa Cruz 2 Santa Cruz 2 x Paulistano 0 Santa Cruz 3 x Sport 0 2.\* fase

Santa Cruz 1 x Santo Amaro 0 Central 0 x Santa Cruz Sport 2 x Santa Cruz 0 Santa Cruz 2 x Paulistano 1 Santa Cruz 2 x Nautico 2 Santa Cruz 7 x Estudentes 1 Santa Cruz © x America (

Decisão do Turno Santa Cruz 0 x Sport 0 (na promogação Sport 1 x 0) FINAL

Sport 0 x Santa Cruz Santa Cruz 0 x Sport (na prorrogação 0 x 0

# SANTA CRUZ



Campeão pernambucano



GOLÁS

Bicampeão goiano

# A GRANDE DERROTA DOS FEITICEIROS

A federação queria prejudicar e acabou ajudando

s aprendizes de feiticeiro do futebol goiano acharam que tinham inventado a fórmula perfeita para dificultar o bicampeonato do Goiás. O problema é que o caldeirão explodiu e, como na fábula, o feitiço virou contra os pretendentes a bruxo. O alviverde conquistou o título mais fácil dos últimos tempos. No plano financeiro o efeito foi arrasador: em dias de jogo, os torcedores não passavam nem perto do Serra Dourada e dos outros estádios

Tudo começou quando a federação, de comum acordo com o Vila Nova, o grande rival do Goiás, bolou uma tabela pela qual os dois times só jogariam entre si no final do campeonato. em confrontos de ida e volta. Pelo raciocínio dos magos, essa era a melhor maneira de preservar o Vila, cuja equipe andava mal das pernas e poderia se ajeitar até as partidas decisivas Ao colocar um em cada grupo, porém. a federação não contava que a má fase de seu protegido perdurasse. Perdurou. O Vila apanhou de meio mundo e não conseguiu se classificar para a decisão. Nem ele nem ninguém, pois o Goiás ganhou os dois turnos e ficou com o título. O pequeno e valente Mineiros chegou a derrotar o campeão duas vezes, mas lhe faltou camisa na hora crucial. De qualquer forma, fez mais bonito que o Vila Nova

"Só aqui, mesmo, para fazerem um campeonato em que o clássico do Estado não se realiza", ironiza o goleiro bicampeão Eduardo. "Os torcedores não são bobos. Os adversários sabiam que o Goiás é melhor e os nossos tinham certeza do título", lamenta o diretor de futebol do Goiás, Adão Néri, afirmando que na maior parte da competição seu clube teve de pagar para jogar

Tirando os prejuízos, porém, o alviverde só teve motivos para comemorar. A começar pelo fato de que o bi elevou o número de seus títulos estaduais para onze, enquanto o arquinimigo Vila Nova continua com dez. A campanha teve poucos tropeços: apenas quatro derrotas em 28 jogos, contra cinco em-

pates e dezenove vitórias. A defesa tomou dezesseis gols, mas o ataque marcou quase quatro vezes mais — 61
Pertence ao Goias, tambem, o artilheiro do campeonato, o atacante Agnaldo
E Túlio? Pois é, nem figurou, pois servia à Seleção Brasileira de Novos num
bom pedaço da primeira fase, além de
não ter participado das últimas partidas
por estar jogando o Torneio de Toulon
"Se o Túlio estivesse entre nós, certamente nosso ataque teria feito muito
mais que 61 gols", garante o ponta-direita Niltinho

Se em 1989 o Vila Nova endureceu, em 1990 o Goiás encontrou apenas uma pedra em seu caminho: o simpático Mineiros, um clube de verão que, após as duas vitórias sobre o grande favorito, passou a ser o segundo time de todos os torcedores. "Dificultamos o máximo que deu", orgulha-se o técni-

co do Mineiros, Luís Dario, que já treinou o Vila e o próprio Goiás. No próximo ano, o clube mais poderoso e sério do Estado vai em busca do tri, um título ainda inédito em sua história. Se os bruxos voltarem a agir, é possível que seja mais fácil ainda

#### A DECISÃO

#### GOIAS 3 x MINEIROS 2 20 maio 90

Local Serra Dourada (Golânia) Juliz: Deno de Souza Campos Renda: Cr\$ 1 658 800: Publico 17 256 Gola Luvanor 27 e Perides 38 do 1 º Josue 24. Gerson 39 e Boca 43 do 2 º

GOIAS. Eduardo Dation Boni (Richard), Jorge Balate e Lira: Wallace, Fagundes e Luvanor, Niltinho Pencies (Josué) e Aguinaldo, Tecnico, Sebastiár, Lapola

MINEIROS, Renato Ediniz, Pereira, Sidnei e Evaristo Beto, isaac e Gérson, Helinho (Leteu) Boca e Fernando, Tecnico; Luis Dano





Na finat, o
Mineiros (de
branco à
esquerda e
acima), até que
tentou a
suprema taçanha
Mas deu Gorás
como mandava
a tógica 3 x 2
Depois, um
a.egre carnaval



#### A CAMPANHA

1,º TURNO
Gorás 2 x Anapolina 0
Mineros 2 x Gorás 1
Gorás 2 x Novo Horizonte 0
Jatarense 0 x Gorás 0
Gorás 3 x Atlético 0
Quirimópolis 2 x Gorás 2
Anapolina 1 x Gorás 2
Anapolina 1 x Gorás 2
Gorás 0 x Mineiros 1
Novo Horizonte 0 x Gorás 1
Gorás 4 x Jatarense 1
Gorás 4 x Jatarense 1
Gorás 5 x Cultinópolis 0
CRUZAMENTO
América 0 x Gorás D
Gorás 3 x América 0
DECISÃO 1.º TURNO
Gorána 0 x Gorás 2
Gorás 2 x Goránia 0
2.º TURNO
Gorás 6 x América 0
Gorás 4 x Gorás 1
Gorás 3 x Santa Helena 0
América 1 x Gorás 3

Gorátuba 0 x Gorás 0
Gorás 4 x Goránia 1
Gorás 3 x Santa Helena 0
América 1 x Gorás 3
Santa Helena 0 x Gorás 1
Gorás 0 x Gorátuba 1
Ceriza 4 x Goránia 1
CRUZAMENTO
Goránia 0 x Gorás 2
Gorás 5 x Goránia 0
DECISÃO 2.º TURNO
Mineiros 1 x Gorás 1
Gorás 3 x Mineiros 2

#### O ARTILHEIRO



AGNALDO Divino de Mendonça, 22 anos, é filho do prefetto de Sancierlândia. GO, e como tal não precisa do esporte para se sustentar. "Mas o futebol é a minha vida'', diz esse atucante alto. ótimo no cabeceio e nos chutes de longa distância, que interrompeu os estudos de Direito para ser jogador. Ele marcou treze dos 61 gols do Goiás e se tornou o goleador máximo do campeonato. A torcida nem deu pela falta de Túlio nas convocações para a Seleção. Claro. Agnaldo estava lá.

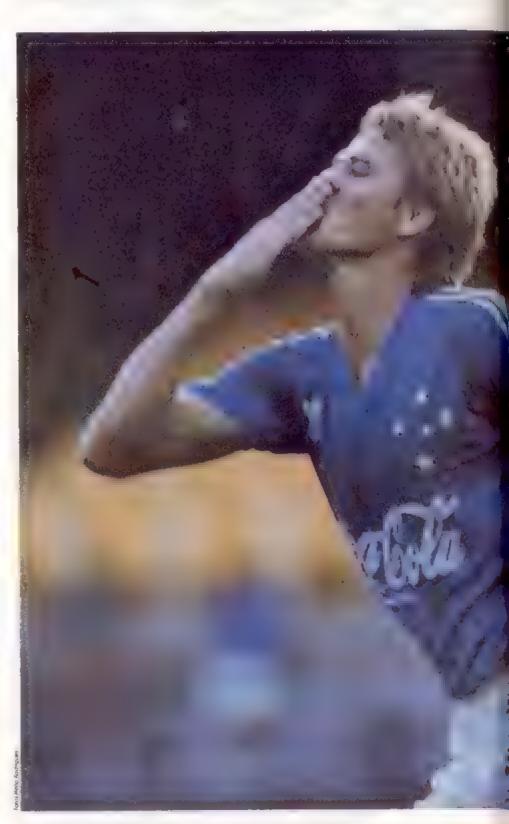
## FARRA DE FINAL É MUITO MAIS GOSTOSA

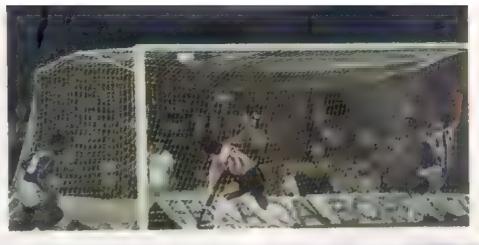
Caneco escapou na decisão do 2.º turno. Melhor

nho, quando o juiz Márcio Resende de Freitas apitou o final de Cruzeiro 1 x Atlético 0, milhares de cruzeirenses invadiram o gramado do Mineirão com um misto de alegria ensandecida e saudade antecipada. Na cabeça deles ainda estava a imagem do gol que dera ao clube o primeiro título da década de 90, marcado pelo artilheiro Careca. No dia seguinte o ídolo iria embora para Portugal, vendido ao Sporting

Aos 12 minutos do segundo tempo, após escorar de cabeça um cruzamento da direita. Careca correu para a torcida e, de joelhos, estendeu os braços na última e gloriosa vibração. "Foi a vitória do melhor futebol", resumiu depois o meia, sem falsa modéstia. Se a vitória fez justica ao Cruzeiro, serviu também para desesperar o goletro Rômulo, do Atlético, que não conseguiu interceptar o cruzamento que encontrou a cabeça de Careca. No túnel que liga o gramado ao vestiário. Rômulo sofreu uma crise de nervos e destruiu os vidros que encontrou pela frente a socos e pontapés. Era o espelho da desgraça atleticana.

Alheios à dor dos adversários, os torcedores levaram o camaval para as ruas da cidade. Aquela altura, o que pouca gente sabia era que, no início do campeonato, a festa do título não passava pela cabeça dos jogadores. Embora o elenco fosse o mesmo terceiro colocado do Campeonato Brasileiro do ano anterior, a equipe parecia ser outra. E havia uma razão: o técnico não era mais o respeitado Enio Andrade. Em seu lugar, os dirigentes haviam colocado Duque. O novo treinador se sustentaria no cargo por apenas cinco partidas. Foi o suficiente, porém, para permitir ao maior inimigo uma cômoda vantagem de três pontos na tabela de classificação. "Nada deu certo naquele período", testemunha o lateral Balu. De fato, bastava jogar fora de casa para o time deixar de ganhar os dois pontos. As duas primeiras derrotas (Valério 1 x 0 e Uberaba





Aos 12 do segundo tempo Balu cruza da direita e Careca, de cabeça, fulmina Rómulo Era a glonosa despedida do artilheiro Ademir, aos bejos, sauda a torcida, que não parou de festejar e, no final, invadiu o gramado para carregar seus idolos









CARECA não jogou nem a metade das 35 partidas do Cruzeiro, recusou-se a treinar diversas vezes, foi ameaçado por torcedores, contundiu-se — e mesmo assim foi o artilheiro do time, com doze gols, inclusive o do título Sua melhor característica é a arrancada para cima dos zaqueiros com a bola dominada. Seus dribles curtos, em velocidade, são mortais. Jogou três anos no Cruzeiro, onde se criou

2 x 0) foram suficientes para os cartolas corrigirem um erro cometido. Em caráter de urgência, e na surdina, fizeram um acordo com o velho Ênio Andrade, que não tardou a reaparecer no clube. "Ele nunca deveria ter saído", resume o volante Ademir

Aos poucos, a confiança e a vontade de vencer foram recobradas. Com muitos tremamentos. Ênio remontou a equipe que acabaria conquistando o título do primeiro tumo. A bem da verdade, a sorte também deu uma mão. Embora o time tivesse se recuperado, conquistando dezesseis pontos em nove partidas sob o comando do novo técnico, dois fatos importantes ajudaram a colocar o Cruzeiro na final: a derrota do Atlético para o Pouso Alegre, em pleno Mineirão, e o ganho dos dois pontos da partida contra o Flamengo de Varginha, interrompida quando estava empatada. Era do que a Raposa precisava para chegar à decisão em igualdade de condições. No clássico, bastou confirmar: 3 x 1

"Desta vez deu tudo certo", festejou o surpreendente volante Róberson depois da vitória sobre o Atlético. Graças a seus avanços, ele desempatou a decisão do primeiro turno — e ainda chegaria à marca de nove gols no campeonato. Não há dúvida de que a soma de talentos contribuiu para o sucesso no primeiro turno, mas faltou suor para a conquista do segundo. E, na decisão dessa fase, a certeza da vitória se transferiu para o Atlético



Bateu o desespero no Galo depois do gol de Careca





Carlao comete uma falta escandaiosa sobre o ponta-esquerda Edson para impedir mais um contra-ataque

Drante de quase 80 000 pessoas, a maioria de cruzeirenses, a Raposa deixou escorrer entre os dedos a chance de liquidar a fatura. O empate lhe bastava, mas o Galo adiou a festa com um surpreendente 2 x 1, "Entramos de sapato alto", acusou Paulo Isidoro.

Na verdade, o adiamento da festa só fez mexer com os brios da rapaziada. "Meu time não costuma perder duas vezes seguidas para o mesmo adversário", desafiou Ênio Andrade. Ao mesmo tempo, ele treinava à exaustão as formas de anular Eder, a grande arma do adversário. Mais: o sumiço de Careca dos treinos durante dois dias serviu para o técnico pôr em prática seus conhecimentos de psicologia. "Você não vai jogar nada, será vanado e eu vou ter que substituílo", provocou. Deu resultado. Careca foi o primeiro jogador a se apresentar à concentração. E chegou prometendo: "No domingo, vou arrasar".

O time entrou tranquilo em campo, sabendo o que fazer. Com uma marcação constante sobre Eder, a profecia de Ênio se confirmava, até porque o Galo jogava com os nervos à flor da pele. "Conseguíamos chegar à linha de fundo sempre que tentávamos", recorda Balu. Foi numa dessas arrancadas do lateral, pela direita, que saiu o gol do título. Balu cruzou a bola na área e Careca surgiu como um rauo para cabecear. Faltando 33 minutos para o final, estava detonada a festa das arquibancadas azuis.

#### A DECISÃO

CRUZEIRO 1 x ATLETICO 6

3/junho/90

Local: Minerão (Belo Horizonta) Juliz: Márcio Resende de Freitas. Pienda: Cr\$ 8 388 735. Público-90 145. Gol: Careca 12 do 2.º

CRUZERO: Paulo César Batu, Gilson Jáder Adison e Paulo Cásar Adamir Paulo Isidoro e Carece Héider Hemilron (Roberson) e Edson: Técnidos: Eno Aditable.

ATLETICO, Rómulo, Neto, Ciéber, Paulo Sergio e Paulo Roberto, Eder Lopes Marquinho e Edu (A9ton) Nillon (Illon) Gérson e Eder Técnico: Arthur

#### A CAMPANHA

1.º TURNO

Cruzeiro 3 x Tupi 0 Valerio 1 x Cruzeiro 0 Cruzeiro 2 x Rio Branco 1 Nacional 0 x Cruzeiro 2 Uberaba 2 x Cruzeiro 0 Cruzeiro 2 x Caldense 1 Cruzeiro 2 x Uberländia 1 Pouso Alegre 0 x Cruzeiro 0 Esportivo 1 x Cruzeiro 1 Cruzeiro 1 x Villa Nova 0 América 0 x Cruzeiro 2 Cruzeiro 2 x Fabril 1 Flamengo 1 x Cruzeiro 1 Cruzeiro 3 x Democrata-St. 1 Paraisense 0 x Cruzeiro 1 Cruzeiro 2 x Juventus 0 Cruzeiro 3 x Atlético 1 2º TURNO Cruzeiro 1 x Nacional 1 Uberlandia 1 x Cruzeiro 2 Cruzetro 3 x Esportivo 0 Fahril 0 x Cruzeiro 0 Cruzeiro 4 x Paraisense 1 Villa Nova 0 x Cruzeiro 1 Cruzeiro 2 x Pouso Alegre 0 Cruzeiro 2 x América 0 Democrata-SL 1 x Cruzeiro 3 Cruzeiro O x Valério O Juventus 0 x Cruzeiro 2 Tupi 0 x Cruzeiro 1 Cruzeiro 4 x Flamengo 0 Caldense 0 x Cruzeiro 3 Cruzeiro 2 x Uberaba 1 Rio Branco 1 x Cruzeiro 1 Atlebco 2 x Cruzeiro 1 JOGO EXTRA Cruzeiro 1 x Atlético 0

#### O vaivém do velho



No início do ano, os cartolas cometeram um erro: não renovaram o contrato do técnico Énio Andrade, cuja sabedoria levara o Cruzeiro ao terceiro lugar no Campeonato Brasileiro de 1989. Corrigiram-se a tempo. A volta do velho foi fundamental para a conquista do título. Mas, como ninguém é perfeito, não seguraram Énio para o Brasileiro de 1990

## CRUZEIRO



Em pé Paulo Cesar Gilson Jader Adilson Balu, Roberson e Eduardo, agachados: Heider Paulo Isidoro Luis Gustavo Careca e E

## Campeão mineiro 1990



## O DONO DO TERREIRO É RUBRO-NEGRO

Pela segunda vez, o favorito Bahia fica pelo caminho

esde que o rival Bahia conquistou o Brasileiro, em 1988, os rubronegros resolveram mandar no próprio terreiro. E o bicampeonato baiano o segundo da história do clube, 25 anos depois - ainda foi ganho com requintes de crueldade. Afinal, o Vitória correu atrás durante toda a fase de classificação, em que o tricolor venceu os dois turnos, e só arrancou para o título nas seis partidas do quadrangular final. Como se não bastasse, disputou a decisão com o Fluminense de Feira de Santana, deixando o eterno rival em terceiro lugar.

A festa não foi maior porque o campeonato parou no Tribunal de Justiça Desportiva. Impotentes diante do 0 x 0 do primeiro tempo, que dava o título ao Vitória, os jogadores do Fluminense decidiram não voltar a campo, aproveitando a desculpa de uma falta de luz momentânea. A manobra tentava forçar a realização de uma nova partida, em que o Flu recuperaria o tempo perdido. Não colou. O bi também foi confirmado fora de campo.

Tudo indicava que o campeonato seria conquistado pelo Bahia. No primeiro turno, o Vitória nem sequer conseguiu chegar à decisão. Além de liquidar o Galfcia, o tricolor terminou a fase com o melhor ataque, a defesa menos vazada e o artilheiro, Charles, autor de quatro gols. Os rubro-negros, embora campeões do ano anterior, não conseguiam firmar o pé, mudando de time a cada partida. Na estréia do segundo turno, a equipe voltou a perder feio — 3 x 1 para o Flummense —, o que provocou a queda do técnico André Catimba, o mesmo que brilhou como centroavante do Grêmio nos anos 70. Na hora de escolher o sucessor, prevaleceu a superstição dos dirigentes bajanos: o eletto foi Carlos Gainete. campeão estadual pelo clube em 1985.

Gamete tinha a missão de classificar o time para as finais com apenas quatro jogos pela frente, um deles contra o temível rival. Venceu o Leônico por 4 x 0, o Bahia por 2 x 1, abrindo caminho até a decisão, novamente contra o tricolor. Perdeu o turno, mas garantiu a vaga no quadrangular. Uma reação suficiente para injetar ânimo num grupo de jogadores no qual se destacavam o meia Hugo e o ponta-esquerda Roberto Gaúcho.

Bahia campeão dos dois turnos, com quatro pontos; Galícia, vice do primeiro, e Vitória, vice do segundo, com um ponto cada; e Fluminense, pelo indice técnico, entraram em campo para a decisão do campeonato em jogos de ida e volta. Bastava uma derrota, em qualquer rodada, para os rubronegros darem adeus ao bi. Logo na estréia, a vitória no clássico por 1 x 0, gol de Hugo, diminui a diferença para apenas um ponto. Pronto. Era o que faltava para jogar toda a pressão sobre o Bahia de Carbone, que a cada partida se desmanchava em campo.

A seriedade característica do técnico

Gainete foi repassada para o gramado. Sem ser brilhante mas com um futebol bastante eficiente - firme na defesa e objetivo no ataque -, o Vitória voltou a fazer história. Afinal, não precisou mais do que três empates sem gols e três vitórias de 1 x 0 para deixar o Bahia na saudade. Um bicampeonato justo - no tamanho e no merecimento

#### A DECISÃO

#### VITORIA O X FLUMINENSE O

Local, Forte Nova (Salvador), Juliz Etimundo Luma Filho, Rende, Cr\$ 6 420 160 Publico 82 712 VITÓRIA, Ronaldo, Jairo, Edson, Missinho e Silva Regnatio. Tobi e Hugo: Andre Carpes. Iddo e Ro-berto Gaucho. Técnico Carlos Gainete FLUMINENSE, Jorga Itamar. Jorginho Careca e Rivaldo Zellio. Rivalino e Xodo. Quirina. Registon e

Balano, Técnico José Carlos Queiroz





Na decisão (abaixo) 45 minutos de futebol, armação do adversario e festa no vestiário (acima)



#### O ARTILHEIRO



HUGO conductu o Vitória ao bicampeonato com seus vete gols - apenas um a menox que Marquinhos, do Bahia - e arrumou as malus para defender o Universidad Guadalajara, do Mérico, Os 200 000 dolares da transação, cerca de 34 milhões de cruzeiros, jamais serão suficientes para as torcedores rubro-negros esquecerem o futebol incansável deste meta de 25 anos Hugo Matos de Опхена памен ет Сатры nas (SP), mas se transferm com a familia para a Bahia ainda garoto. Começou a jogar no Flummense de Fetra de Santana

#### A CAMPANHA

#### 1º TURNO

Vitória 1 x Galicia 1

Vitória 1 x Jacuipense 0 Vitória 0 x Catuense 0 Vitória 1 x Serrano 1

1 " TURNO - SEMIFINAIS

Vitoria 0 x Bahia 0

Bahia 2

Vitória O x 2.º TURNO

Fluminense 3 Vitoria 1 x

Vitoria 4 x Leônico O

Vilóna 2 x Bahia 1

Vitóna 1 x Atrélico 1 Vitóna 0 x Itabuna 3 2º TURNO - SEMIFINAIS

Vitória 0 x Fluminense 0 Vitória 1 x Fluminense 0 2.º TURNO - FINAL

Vitória 0 x Bahia 2

Vitória 1 x Babia 1 QUADRANGULAR FINAL

Vitória 1 x Bahia 0 Vitória 0 x Galicia 0

Vitóna 0 x Fluminense 0

Vitória 1 x Bahia 0 Vitória 1 x Galicia 0 Vitoria 0 x Filiminense 0

## VITÓRIA



## Bicampeão baiano



m we buige is a lama Paur to Miss the Regulation has a Rimardi e Edson agactiacos tede Bermor e And elle pes Hugo Tour a Roberto Gardin



## O ALEGRE SOBE-DESCE DOS RUBRO-NEGROS

Foi uma trajetória errática, mas com final feliz

ma montanha-russa de emoções", definiu um anônimo
torcedor a trajetória do Atlético até
conquistar o 16.º título paranaense de
sua história. Perfeito. O rubro-negro
venceu o primeiro turno aos trancos
Perdeu o segundo. E, no hexagonal decisivo (coisa de federação: um hexagonal disputado por doze clubes), deslizou num sobe-desce que durou até os
últimos minutos do Atle-Tiba decisivo

No primeiro turno, o Atlético, comandado pelo técnico Borba Filho, não conseguiu repetir a escalação por mais de dois jogos. Eram contusões demais Amda assim o time se manteve invicto nos primeiros dez jogos. Tudo bem? Nem tudo. Borba colocou o ponta-direita Carlinhos na reserva e a torcida não gostou. O carrinho começou a despencar logo no início do segundo turno, com a derrota para o Matsubara Na quarta rodada, após humilhante goleada imposta pelo rival Contiba, Borba Filho foi ejetado. O interino Nilson Borges não deu jeito. A situação só começou a melhorar quando o presidente José Carlos Farinhaqui se mexeu, contratando Gilberto Costa, André e Rizza e, um pouco mais tarde, o velho e experiente técnico Zé Duarte. Zé nunca havia faturado um título estadual de Primeira Divisão. "Mas ele chegou e se transformou no paizão da gente", conta Carlinhos. Começava outra subida de montanha. O Atlético vence sua última partida no segundo turno - 2 x 1 no Paraná Clube -, os jogadores se reúnem num boteco e fazem um pacto. "Prometemos disputar todos os jogos com aquela disposição", revela o meia Serginho

Vem a Copa do Mundo e Zé Duarte aproveita a interrupção do campeonato para aprimorar o conjunto — e descobre que o meio-campo reserva Valdir é um ótimo lateral-direito. No hexagonal, o time pega embalo, empata com o favorito Coritiba em 2 x 2 e enche a torcida de confiança. Mas, na primeira partida das semifinais, desanda de novo: perde mediocremente para o Operário-PG. No jogo de volta, o sofrimento

dura até os 23 do segundo tempo, quando Serginho marca de pênalti. Na outra semifinal, o Contiba despacha o Paraná. Haja coração para suportar as emoções de dois Atle-Tibas decisivos.

No primeiro, com o Couto Pereira tomado pelos coxas, estes se preparam para festejar a vitória, com o gol de Ronaldo aos 26 do segundo. O árbitro Tito Rodrigues já se prepara para encerrar o jogo. É quando o crioulo Dirceu, um centroavante atrevido, empata em linda cabecada. Vem o tudo-ou-nada. Aos 5. Dirceu abre o marcador. Mas, aí, o carrinho começou nova descida: o Contiba vira para 2 x 1 ainda no primeiro tempo. Tudo perdido? Que nada, vem aí outro aclive. O Atlético parte para um vigoroso, implacável cerco ao mval. Debaixo do sufoco, o aparvalhado zagueiro Berg marca contra aos 26. Chega de sofrimento. O Atlético está

no topo, a torcida agita as bandeiras rubro-negras e grita: "É campeão!"

O Contiba ainda tenta melar tudo no tapetão. Mas é o tal negócio: depois que o povo vai para a rua, o bicho para o bolso e a taça para o armário, não há volta possível

#### A DECISÃO

CORITIBA 2 x ATLETICO 2

5-agosto-90

Local Couto Pereira (Cuntiba), Juiz: Alonso Vitor de Olivera Renda: Cr\$ 17 252 850: Publico 37 343 Gots: Dirceu 5, Pachequinho 13 e Berg 45 do 1.º Berg (contra) 26 do 2.º

CORTIBA: Gérson, Ditinho, Berg, Jonão e Paulo César Hélcio, Serginho (Aurélio) e Tostão Ronal do, Moteno (André) e Carinhos, Tecnico: Paulo César Carpedian.

ATLÉTICO Marolla, Valdir Leonardo, Haraido 8 Odemileon, Cacau, Gilberto Costa e André (Oswal do) Carlinhos, Dirceu e Rizza (Serginho). Técnico Ze Duarte





Abaixo a montanha-russa chega a seu destino com o gol do título Ас та о desabato dos jogadores atieticanos que so foi possivel com a chegada de reforçes de peso no meio do campeonato como Gilberto Costa ao lado





#### A CAMPANHA

#### 1.º TURNO

1.º TURNO
Campo Mourao 0 x Atletico 1
Attetico 1 x Apucarana 1
Grémio Maninga 0 x Atlético 1
Operario 0 x Atlético 0
Atletico 3 x Platimense 2
Atlético 1 x Arapongas 0
Foz 1 x Atlético 2 Allético 3 x Paranavai 2 Iguaçu 0 x Atlético 1 Atlético 4 x Umuarama 0 Atteboo 2 x Matsubara 3
Cascavel 2 x Atteboo 2
Atteboo 0 x Pato Branco 0 Contiba 3 x Atlético 0 Atletico 0 x Toledo 0 9 de Julho 0 x Atletico 0 Uniao Bandeirante 1 x Atietico 1 Alletico 0 x Grémio Manngá 0 Atletico 0 x Londrina 1 Batel 2 x Atletico 1 Atletico 2 x Parana 1 DESCRIPTIONS. Atletico 1 x Batel 0 Campo Mourão 1 x Atletico 5 Atletico 3 x Matsubara 2 Coritiba 2 x Atletico 2 Atletico 2 x Operário 0 Apucarana 1 x Atlético 2 SEMIFINAIS

Operário 2 x Atlético 1 Atlético 1 x Operário 0 Atletico 1 x Corriba 1 Corriba 2 x Atletico 2

#### O ARTILHEIRO



KITA entrou no comando do ataque do Atlético so na quarta rodada e na metade do campeonato casu fora operado no joelho. Mesmo assim for a goleador do rubro-negro, com dez gols. Aos 32 anos, João Leithardt Neto mantem a forma com que se revelou no interior gamho. em 1983. "Lamento não ter ganho o Gol oferecido ao artilheiro pela federação", di: Chicao e Tico fizeram 20. Em forma, Kita teria faturado a automóvel.

## ATLÉTICO

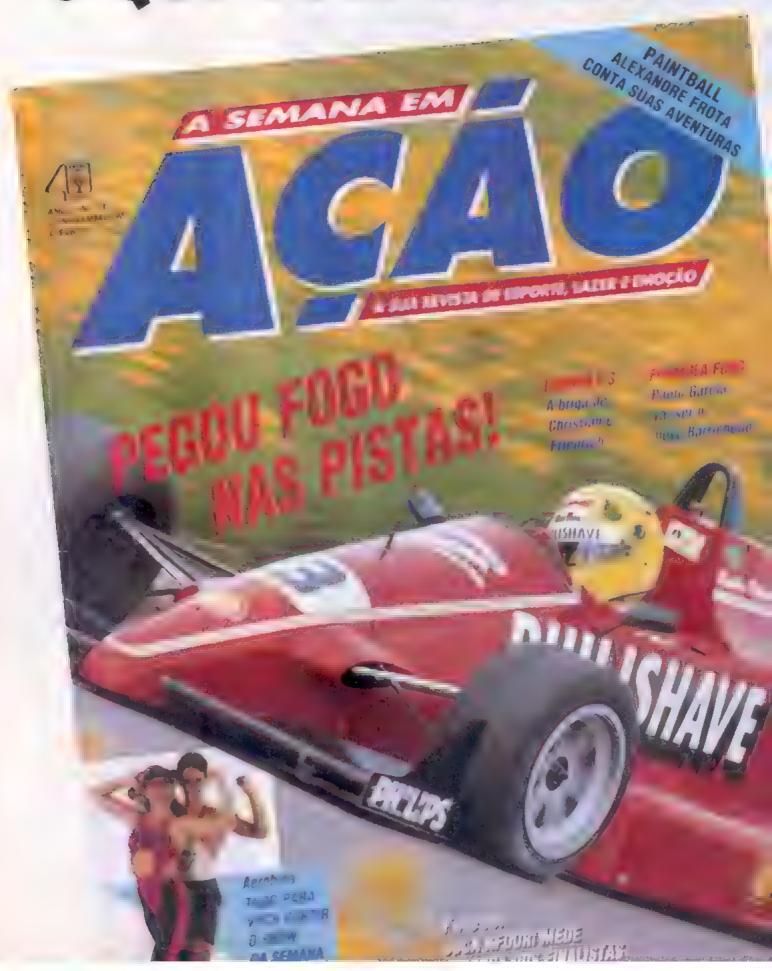


## Campeão paranaense





# O QUE VOCÊ VAI CURTIR



# NO FIM DE SEMANA?

A revista A SEMANA EM AÇÃO tem muitas dicas para você. Com sua fórmula quentíssima de toda semana apresentar e cobrir as emoções do automobilismo, moto, surfe, vôlei, tênis, basquete, futebol, ligada no que a TV vai dar de melhor, além de mostrar as novidades em videogames, programas e belas gatinhas. Tudo em cores vibrantes e texto ágil. Toda quarta-feira numa banca perto de você.

E mais: agora a revista semanal de esportes, lazer e emoção da Editora Abril está lançando as

edições especiais:

AÇÃO GAMES e AÇÃO AUTOMOBILISMO 90. Entre já em Ação. E mergulhe na moda que está virando uma mania nacional.

## AÇÃO GAMES

As novidades, estratégias e os recordes dos melhores jogos de vídeo



## AÇÃO AUTOMOBILISMO 90



As emoções de todas as fórmulas, com a retrospectiva da temporada

## TUDO QUE É BOM MERECE REPETIÇÃO

E o time da capital do carvão já pensa no tri

#### O ARTILHEIRO

SOARES foi o arulheiro do campeonato com catorze gols em 34
partidas. Ele cabeceia muito bem
e é dos centroavantes que gostam de tahelar.
Com 27 anos, José Carlos Soares
já atuou no Ba-



ja atuou no bahia, no Londrina e no Santos, entre outros. Foi contratado em 1989.. Era do Mogi-Mirim, de São Paulo.

A CAMPANHA

#### TAÇA GOVERNADOR

Criciuma 2 x Hercilio Luz 1 Criciuma 4 x Farroviário 1 Marcílio Dias 0 x Criciuma 2 Criciuma 2 x Blumenau 2 Figueirense 1 x Criciuma 2 Araranguá 1 x Griciuma 2 Joinville 2 x Criciuma 3 Criciuma 1 x Chapeccerise 2 Criciuma 1 x Brusque 0 Caçadorense 4 x Criciuma 1 Cncluma 2 x Avai 0 Hercílio Luz 1 x Criciuma D Ferroviano 0 x Criciuma 0 Criciuma 1 x Marcillo Dias 1 Blumenau 0 x Criciúma 0 Criciuma 1 x Figueirense 0 Areranguá 0 x Criciuma 0 Criciuma 3 x Joinville 2 Chapecoense 0 x Criciuma 4 Brusque 1 x Criciuma 1 Cricluma 2 x Caçadorense 0 Aval 1 x Criciuma 2 Johnville 1 x Criciuma 1 HEXAGONAL PRINCIPAL Cricluma 3 x Ararangua 0 Blumenau 1 x Criciuma 1 Criciuma 1 x Joinville 0 Criciuma 0 x Figuairense 0 Chapecoense 0 x Choruma 0 Ararenguá 0 x Criciuma 0 Criciuma 3 x Blumenau 0 Joinville 0 x Criciuma 0 Criciuma 1 x Figueirense 1 Cricióma 2 x Chapaccense 1 QUADRANGULAR FINAL Crioluma 0 x Chapeccense 0 Crioluma 4 x Ferroviário 0 Joiny lie 0 x Criciuma 0 Chaperoense 0 x Criciúma 1 Ferrováno 0 x Criciúma 0 Criciuma 1 x toinville 0

Termina o primeiro tempo e um temor percorre as arquibancadas do Estádio Heriberto Hulse: será que o Criciúma vai decepcionar justo na decisão deste 22 de julho? Até ali, quem dominou o gramado foi o Joinville, que só não está na frente porque seus atacantes falharam nas finalizações Convenhamos que sería uma injustiça O Criciúma investru pesado na formação da equipe e, até a 40.º partida esta -, só perdera três Na verdade, se não fosse o regulamento prever várias fases, a equipe já teria conquistado o bi algumas rodadas atrás. Mas é só começar o segundo tempo e os receios comecam a se destazei

O Criciúma volta com meio-campo e defesa mais compactos e equilibra o jogo. O meia-armador Grizzo encontra espaço para os lançamentos. Na trente. Adílson Gomes, Soares e Vanderlei apavoram os beques do Joinville. O gol é só questão de tempo. E ele chega quando o centroavante Soares vai à linha de fundo e cruza para o ponta-es-

querda Vanderlei emendar. O segundo título consecutivo está garantido. Basta levantar barricadas na intermediaria

O Criciúma teve muitos heróis. Um deles foi o técnico João Francisco, que pegou o time no meio da competição e não perdeu nenhuma de suas vinte partidas. Outro: Grizzo, articulador das jogadas ofensivas. Mais o incansável vo lante Roberto Cavalo, o arisco ponta direita Adílson Gomes e, claro, o centroavante Soares, goleador do certame

#### A DECISÃO

CRICIUMA 1 x JOINVILLE 6 22/julho:90

Locat: Heriberto Hulse (Cnowma) Juliz Jose Roberto Wright: Renda: CrS 2 847 200 Publico

CRICUMA Alexandre Sarandi, Wilson Evandro e ttá, Roberto Cavallo Geison e Grazo (Auercio, Adilson Gomes, Soares e Vanderiei, Técnico: João Francisco:

JOINVILLE: Gilmar, Reul Edinho (Ademir) Eversi do e Gilberto; Evandro (Maringa) Nardeta e Capanema, Svánet, Vandicki e Gilson Temico, Borba Filho

No segundo tempo, o Criciuma encurraiou o Johnville até chegar ao gol que daria o bi



## CRICIUMA

Bicampeão catarinense



## COLATINA



Campeão capixaba



## TÃO FÁCIL, QUE DEU ATÉ PARA FOLGAR

Na hora H, foi só reacender a chama e faturar

#### O ARTILHEIRO

ARILDO foi o atacante mais competente do Colatina no Campeonato Capixaba, com sete gois. Graças à privilegrada estatura -1.85 m -, ele tem sua caracteristica principal no cabeceto Aril-



do Nascimento, 30 anos, um tipo sempre bem-humorado que não se importa com o apelido de Ratão, começou sua carreira no Estrela de Cachoeiro do Itapemirim Em 1981 ele já estava no Colatina, disputando a Taça de Prata (então o esboço da Segunda Divisão do Campeonato Brasileiro) Após o certame capixaba deste ano, Arildo se transferiu para o Fluminense da Bahia. Por ironia, eliminou o Colatina. no Grupo C do Brasileiro. Com um gol a seu estilo de cabeça

como quase sempre acontece com os grandes favoritos, o Colatina conquistou com facilidade o primeiro turno, mas chegou a receber vaias de sua torcida pelo desempenho que apresentou após garantir a vaga nas finais. Só que na hora H a Desportiva e o Guarapari — os outros integrantes do triangular final — não tiveram vez.

Ao levar o título para Colatina, a 125 km de Vitória, o clube local confirmou a hegemonia do futebol do interior do Espírito Santo — a capital só faturou um nos últimos quatro anos. Para garantir essa superioridade, o Colatina investiu forte. Contratou o técnico Zuza, campeão de 1988 pelo ibiraçu, e os melhores jogadores do Estado. De fora, trouxe um ataque inteiro: Carlos Mantenópolis, Arildo e Elias.

Assim, o time só podia brilhar. E não negou fogo. Em nove rodadas, somou catorze pontos, marcando catorze gols e sofrendo apenas três. A torcida aplaudia a valer. Aí, começado o segundo turno, bateu a preguiça. Na sétima rodada, no empate com o Ordem e Progresso, a torcida explodiu em vaias. Nem assim o Colatina se tocou:

perdeu também as duas partidas restantes do segundo turno. Mas, no vamos ver, ressurgiu aquela equipe raçuda e de toques envolventes que iniciara o campeonato. Na primeira partida, x 0 sobre a Desportiva. Beneficiado pelo 0 x 0 entre esta e o Guarapari, o Colatina for para o jogo decisivo precisando só do empate. A torcida do Guarapari transformou o estádio local numa panela de pressão. Nessa ocasião, valeu a experiência dos novos contratados. Arildo, o artilheiro da equipe, garantiu o 1 x 1 e mais uma festa do interior.

#### A DECISÃO

#### **GUARAPARI 1 x COLATINA 1**

4-Junnoreu

Local, Davino Metos (Guerepair, Juliz Airton Bandeira Filho Renda Cr\$ 330 000 Publico; 3 700:

Gola Arido 31 do 1 ° Cacau (contra 43 do 2 °

GUARAPARI, Dènis, Aleixo, Girnarzinho, Piquete Adison e Olivera Aun Weeley e Dioney Tonico (Bel) e Marcelinho Técnico Ex: Rodrigues. COLATINA. Sandro, pacimar Cacap Hippie e Wallace Japonés, Garrala e Hamilton (Pádua), Carlos Mantenópolis, Arildo e Welfington **Técnico**:

#### A CAMPANHA

#### 1.º TURNO

Colatina 2 x Castelo 1 Vitória 0 x Colatina 1 Colatina 1 x Guarapari 0 Colatina 2 x Estreia 1 lbiraçu 1 x Colatina 0 Colatina 1 x Rio Branco 0 Ordem e Progresso 1 x Colatina 1 Colatina 1 x Desportiva 1 Muniz Freire 1 x Colatina 5 2,º TURNO Castelo 0 x Colatina 2 Colatina 1 x Vitória 1 Guarapan 2 x Colatina 1 Estrela 1 x Colatina 0 Colatina 1 x Ibiraçu 1

Desportiva 1 x Colatina 0 Cotatina 1 x Muniz Freire 4
TRIANGULAR FINAL Colatina 1 x Desportiva 0 Guarapari 1 x Colatina 1

Pio Branco 1 x Colatina 0 Colatina 1 x Ordem e Progresso 1



Jogo final em Guarapari, o lateral-esquerdo Wallace, do Cotatina (à direita na foto). parte com tudo para cima de Auri para garantir o 1 x 1



### DE DESCONHECIDO A PAVOR DOS BACANAS

O time de Dourados bate nos grandes da capital



Atingindo a maioridade, o Ubiratan recebe as faixas de campeas do Cruzeiro de Minas

té cinco anos atrás, quem fosse ao Mato Grosso do Sul e quisesse saber alguma coisa sobre o Ubiratan, de Dourados, terra de consultar em amareladas coleções de jornais. Hoje não é preciso perguntar nada: a surpresa dos adversários e a alegna dos torcedores desse clube, que ainda perduram, dão conta de que o Ubiratan é nada menos que campeão estadual.

Fundado em 1947, o time de Dourados construiu uma história bonita nos tempos do amadorismo, quando era conhecido como O Leão da Fronteira. por sua garra. Ao se profissionalizar, nos anos 70, porém, o Ubiratan se afundou em dívidas e a saída foi se licenciar - um período que durou de 1978 a 1985. Quando resolveu retornar, o clube esbarrou num obstáculo: uma dívida que na época andava pelos 12 milhões de cruzeiros. Quase perdeu

o patrimônio. Mas, como seus novos cartolas eram endinheirados, a solução acabou aparecendo. Daí para a formacão de um bom time foi um passo

Em 1988, o Ubiratan esteve para conquistar o título --- perdeu para o Operário na final por 1 x 0. No ano seguinte, também chegou perto, ficando com o terceiro lugar. Em 1990, finalmente, teve seus sacrifícios recompensados. Reforçou a equipe, passou por forças tradicionais do Estado ---Operário e Comercial de Campo Grande - e chegou às finais com o Naviraiense como favorito. Confirmou. Venceu a primeira partida por I x 0. Na segunda, apesar das pressões (a torcida adversária chegou a mvadir o gramado), sustentou um heróico 0 x 0. Desde aquele dia, o alvo das perguntas dos turistas é pelos outros clubes do Mato Grosso do Sul.

#### O ARTILHEIRO



COCAO chegou a despertar o interesse do técnico Carbone, do Cruzeiro, no jogo de entrega das faixas, vencido pelos mineiros por 3 x 0. Com futebol rápido e agressivo ponta-direita de

24 anos marcou treze gols no campeonato e se transformou na estrela do Ubiratan. Contratado ao América do Rio, ele se tornou um excelente negócio para os dirigentes, que estipularam seu passe em 8 milhões de cruzeiros. Dinheiro que seguramente verviria para trazer vários retorços, mas que jamais di minuria a saudade dos tor cedores Para eles, Cocao era a certeza de show no Morengo

#### A CAMPANHA

1.º TURNO

Ubiratan 2 x Cassilandense 2 Taveiropolis 0 x Ubiratan 4 Uhiratan 0 x Naviraiense 1 Ubiratan 0 x Gianinni 0 Ponta Porà 2 x Ubiratan 1 Ubiratan 6 x Angive 0 Comercial 0 x Ubiratan 0 Ubiratan 3 x Aquidavana 2 Ubiratan 0 x Operário 0 Sidrolandia 0 x Ubiratan 1 2.º TURNO

Ubiratan 4 x Taveiropolis 0 Naviralense 1 x Ubiratan 0 Ubiratan 2 x Ponta Poră 1 Cassilandense 0 x Ubiratari 1 Gianinni 1 x Ubiratan 0 Angive 2 x Ubiratan 2 Ubiratan 0 x Comercial 0 Aguidauana 2 x Ubiratan 1 Ubiralan 2 x Sidrolandia 1 Operano 0 x Ub ratan 1 QUARTAS-DE-FINAL Ubiratan 1 x Gianinni 0 Gianinni 0 x Ubiratan 0

Ubiratan 1 x Naviraiense 0 Navaraiense 0 x Ubiratan 0

## UBIRATAN



Campeão sul-mato-grossense





Campeão potiguar



### O FIM DE UM SUFOCO DE CINCO ANOS

O mais querido do Rio Grande do Norte renasce

epois de cinco anos sem ver um título, o ABC, clube mais popular do Rio Grande do Norte, finalmente tirou o pé do barro. Ali, no gramado, foi fácil: o time faturou os três turnos e, se não fosse por um golzinho que levou do América, ainda no primetro turno, teria sido campeão invicto. Mas, para chegar a resultado tão brilhante, o trabalho foi muito duro lá nos gabinetes — mais precisamente na tesouraria. O clube se aproximou de um empresário cheio da grana, Fernando Freire. O homem contratou o técnico Mauro Fernandes, de bom retrospecto em times da Paraíba e Pernambuco. E bastava Fernandes pedir um jogador para Freire soltar o dinheiro. Vieram catorze: Ramos, Evaristo, Hermes (Botafogo-PB), Hermes (Treze), Roberto Nascimento, Washington, Arimatéia, Aldevandro, Toté, Silvinho, Lameu, Kléber, Lopes e o principal deles, o centroavante Vamberto, artilheiro da Paraíba. Juntaram-se a uma bem peneirada turma da casa em que se destacou o ponta-direita Zinho - e o que se viu foi um passeio de ponta a ponta. O arquinimigo

América tinha reforcado seu bom time para conquistar o tetra, mas não contava com a incrível mobilização do chamado clube das letras.

Na penúltima partida, considerada chave para a conquista do título, o ABC realizou sua melhor atuação. aplicando 3 x 0 no Baraúnas. Ali, até mais do que na final, contra o América, funcionou o ótimo esquema tático de Mauro Fernandes. Que, aliás, não tem nenhum mistério: cada jogador em sua posição e disposição permanente de atacar. Um título justo, o 40.º nos 75 anos de vida do ABC.

#### A DECISÃO

Local: João Machado (Natal), Julz: Válter Senra. Cr\$ 1 460 000. Público 15 658 Gol Vamberlo 27 do 2 º

ABC Washington Lotti Arimateia, Tote e Quinho Roberto Nascimento Odiloni Rogeno e Silvinho Zinho Vamberto e Galeguinho (Aldevandro) Teo-

AMÉRICA: Eugério, Belinho, Gito, Argest e Baeca Erijânio (Lico), Oliveira e Dede (Marinho) Marqui nhos, Paloma e Balca. Técnico: Ferdinando Tel-

#### O ARTILHEIRO



VAMBERTO Firmino da Silva, 27 anos, 1.78 m, fez seis gols. Não foi uma grande marca. Em atuando pelo Nacional de Patos. ele conquistou a artilharia do Campeonato Paraibano, com 22

gols. "Dependo mutto dos lançamentos', ele se desculpa. E. no ABC. Vamberio não tinha um especialista fazendo passes para ele. E o típico centroavante oportunista; está sempre bem colocado, à espera de um cruzamento ou de um rebote. Apesar de alto e forte, é extremamente veloz. "Não gosto de driblar, só faço isso para passar pelo último zagueiro", diz. Fez poucos gols, é verdade. Mas de quem for o da decisão? Dele, Vamberto



Vamberto епрала о goleiro Betinho, do America, e sa, para o abraço Fra o firm do jejum do ABC

#### A CAMPANHA

#### 1.º TURNO

ABC 2 x Alecrim 1

ABC 2 x Poliguar 0

ABC 2 x Baraunas 2

ABC 2 x América D

ABC 1 x América 0

ABC 0 x Baratinas 0

ABC 0 x América 0

ABC 1 x Poliguar 1

ABC 2 x Alecrim 1

ABC 2 x America 2

2 " TURNO

ABC 1 x Alection 1

ABC, 1 x Baraunas O

ABC 2 x Pohousi O ABC 2 x América 2

ABC 1 x America 1 (na prorro-gação, 1 x 1, nos pénaltis

3.º TURNO

ABC 2 x Potiguar 0 ABC 3 x Beraunas 0



## A VINGANÇA VEIO ANTES DA DECISÃO

Comercial ganha o 1.º turno. E morre na véspera

#### O ARTILHEIRO

CHICO não decencionou os que consideram uma das maiores revelações do CSA nos últimos tempos. Francisco dos Santos Ângelo, 23 anos, criado no clube desde o dente-delette, marcou tre-



ze dos 47 gols da equipe ni campeonato Ponta-de-lança habilidoso, ele aproveitava o chute forse para bater de fora da área. E também seu 1,80 m, para surgir repentinamente de trás e concluir os cruzamentos com fulminantes cabeçadas

30." título do CSA em seus 76 anos de vida premiou a melhor eguipe. Em trinta jogos - nove em cada um dos três turnos e três no triangular decisivo -, o Centro Sportivo Alagoano perdeu apenas dois, empatou oito e obteve vinte vitórias. Não exibiu o melhor ataque, é verdade Sua artilharia marcou 47 vezes, uma menos que a do Comercial. Mas sua detesa foi a menos vazada, com doze gols. Ou seja, o CSA teve a equipe mais equilibrada, um fator importante para quem quer ser campeão

O time azul poderia ter comemorado o título ao final do terceiro turno Este, como o segundo, foi vencido por ele. Acontece que perdera o primeiro para o Comercial - no saldo de gols. já que em pontos os dots estavam iguais. Doce vingança: no triangular, o Comercial perdeu para o CSE, em Palmeira dos Índios (1 x 2, de virada). e deu o caneco ao CSA por antecipacão. Uma carreata agitou Maceió naquela quarta-feira à noite. Foi um carnaval. O centroavante Luís Carlos. que acompanhava o jogo pelo rádio num barzinho à beira-mar, entusiasmou-se, pegou uma carona e foi participar do desfile. O jogo do domingo seguinte, contra o Comercial, em Vi cosa, serviu apenas para a colocação das faixas. Foi 0 x 0 e transcorreu em clima de amistoso. Convenhamos: o CSA merecia essa moleza final

#### A DECISÃO

#### COMERCIAL 0 X CSA 0

Local: Teotônio Vileia (Viçosa). Juiz. Juarez Inacio Renda: Cr\$ 150 400 Publico: 3 200

COMERCIAL: Jorge Hipólito. Edmilaon Marcao. Silvio e Wellington Bitonho Peu e Carloca (Tota) Geraldo, Dentinho e Fernando (Nascimento) Técnico. Pompéra.

CSA: Wilson Cartinhos Marechai. Calé Nenem e Zez nho Coca (Délio), Chico e Carlos Silva, Aitori. Lujs Carlos e Ivá (Cino). Técnico: Givanido de Oli-

#### **A CAMPANHA**

1.º TURNO CSA 4 x CSE 0 Capelanse 0 x CSA 1 São Sebastião D x CSA 1 CSA 2 x Penedense 0 CSA 1 x ASA 0 Cruzeiro 2 x CSA 2 CSA 2 x lpanema 1 Comercial 0 x CSA 0 CSA 1 x CRB 1 2.º TURNO CSA 1 x San Sebastian 0 Ipanema 0 x CSA 0 ASA 1 x CSA 2 CSA 2 x Cruzeiro 0 CSA 2 x Capelense 1 Penedense 0 x CSA 0 CSE 1 x CSA 1 CRB 1 x CSA 2 CSA 0 x Comercial 0 3.º TURNO CSA 0 x CSE 1 Comercial 0 x CSA 0 São Sebastião 0 x CSA 2 CSA 2 x Cruzeiro 0 CSA 8 x Ipanema 0 ASA 0 x CSA 1 Penedense 0 x CSA 3 CSA 2 x Capelense 1 CSA 1 x CRB 0 TRIANGULAR FINAL CSE 0 x CSA 2 CSA 0 x Comercial 1 CSA 2 x CSE 1 Comercial 0 x CSA 0



O CSA entrou na final apenas para colocar as faixas



# **AUTO ESPORTE**

Campeão paraibano







### SOFREU, TROCOU, MEXEU, MAS ENGRENOU

Clube dos motoristas muda até chegar ao caneco

té ser campeão, o Auto Esporte deu várias sacudidas. Se o campeonato teve três fases, igual número de técnicos passou pelo comando de sua equipe: Dagoberto Borges, Natal Boroni (aquele ponta-direita do Cruzeiro dos tempos de Tostão e Dirceu Lopes) e Mineiro. Também reformulou radicalmente o time no segundo

Borges começou a temporada com um elenco pobre, formado à base de uma peneira com atletas de clubes amadores. Resultado: um péssimo primeiro turno e o técnico substituído por Natal, que havia dado o título dessa fase ao Nacional de Patos. A chegada do novo treinador coincidiu com a decisão dos dirigentes de meter a mão no bolso. Vieram Jorge Pinheiro, Álvaro e Cao. do Náutico, do Recife, além do velho Joàozinho Paulista e do excelente Neto Surubim, Ao chegar em primeiro, o chamado clube dos motoristas salvou a própria pele e a competição — se o Nacional vencesse também o segundo tur-

no, seria campeão. Mas eis que Natal recebe uma proposta irrecusável e volta ao Nacional. Mais: os indisciplinados Joãozinho Paulista e Sandoval são mandados embora. Contudo, com uma solução caseira - o técnico Mineiro -, o Auto cresceu no período decisivo e chegou ao título. Quando foi campeão em 1987, o clube quebrou um jejum de 29 anos. Dessa vez, não esperou tanto para dar uma alegna a sua pequena legião de torcedores.

#### A DECISÃO

#### AUTO ESPORTE 1 x BOTAFOGO 0 20/mato/90

Local, Ameidão (João Pessoa), Juiz Ivan Fernan-des Renda Cr\$ 380 420: Publico: 6 302 Gol Nelo Surubim 20 do 1 º

AUTO ESPORTE: Jorge Pinheiro, Santana Filho, Gilvan Carlentos Paraiba e Marco, Farias, Nelo Surubim (Adriand) e Alvard Cao (Gilmar) Isaias e Belinho **Tecnico**, Mineiro

BOTAFOGO Marola, Chiquinho, Josenido, Jorge e Gérson (Galegunho): Washington Lobo. Dau e João Antônio; Millimho (Luciano). Cartão e Riva. Técnico: Carlos Morais.

Ate posar para o ultimo jogo, o Auto Esporte enfrentou diversas crises

#### O ARTILHEIRO

NETO SURU-BIM chegou ao Auto Esporte somente na terceira rodada do segundo turno, mas com tempo suficiente para levar a equipe ao título estadual. Marcou sete dos 33 gols do time no cam-



peonato é casu no agrado da torcida, com seus dribles e chutes fortes. "Sou um jogador que sempre acompanha a bola na área inimiga''. define-se, com satisfaçao. "Se houver condições, estou lá fazendo meus golzinhos." Mas, por motivos disciplinares, Surubim quase foi dispensado pela diretoria Ele reclamon dos atra sos nos salarios e desabatou no final Provet que sou profissional"

#### A CAMPANHA

#### Lº TURNO

Auto Esporte 0 x Botalogo 0

Auto Esporte 1 x Nacional C 0 Auto Esporte 0 x Campinense 2

Auto Esporte 0 x Treze 0

Auto Esporte 0 x Nacional-P 0 Auto Esporte 2 x Santos 0

Auto Esporte 1 x Guarabira 0

Auto Esporte 0 x Santa Cruz 0

Auto Esporte 0 x Esporte 2

2.º TURNO

Auto Esporte 2 x Campinense 0 Auto Esporte 2 x Nacional-C 0

Auto Esporte 2 x Treze 1
Auto Esporte 1 x Botalogo 1

Auto Esporte 2 x Nacional P3

Auto Esporte 3 x Santos 1 Auto Esporte 2 x Guarabira 1

Auto Esporte 3 x Santa Cruz 0 Auto Esporte 2 x Esporte 1

#### QUADRANGULAR

Auto Esporte 1 x Botalogo 0 Auto Esporte 1 x Esporte 2

Auto Esporte 1 x Nacioi ai P 2

Auto Esporte 5 x Nacional P 4 Auto Esporte 1 x Esporte 0

Auto Esporte 1 x Botalogo 0

### COM A MESMA BASE FICA MAIS FÁCIL

Os craques e o técnico ficaram para repetir a dose

#### O ARTILHEIRO

HÉLIO ganhou da torcida do Ceará o apelido de Carrasco. Não é para menos. Em 1989, marcou cartoze gols no estadual. Em 1990, foi melhor ainda. mandou a bola para as redes 18 vezes, par-



ticipando de 25 dos 28 jogos do alvinegro. Aos 25 anos, o sonho de Hélio de Oliveira Souto, o Catrasco, é jogar no Rio de Janeiro.

A CAMPANILA

1.º TURNO Ceará 0 x Tiradentes 1 Centra 0 x Guarany-S 1 Ceará 1 x Ferroviário 0 Caerá 0 x Fortaleza 0 CRUZAMENTO Ceará 3 x América †
FINAIS DO 1.º TURNO Ceará 3 x Fortaleza 2 Ceará 1 x Fortaleza 1 2.º TURNO Ceará 3 x Guarany-S 0 Ceará 1 x Tiradentes 2 Ceará 3 x América 0 Ceará 0 x Fortaleza 0 CRUZAMENTO Ceará 3 x Guarani J Ceará 3 x Tiradentes 0 Ceará 0 x Tiradentes 0 3.º TURNO Ceará 0 x Guarani-J 0 Ceará 3 x América 2 Ceará 3 x Tiradentes 0
CRUZAMENTO Ceará 1 x Tiradentes FINAIS DO 3.º TURNO Ceará 0 x Fortaleza 0 Ceará 0 x Fortaleza 0 TURNO Ceará 3 x Guarant-J 0 Ceará 2 x Tiradontes 0 Ceará 1 x Quixadá 0 Ceará 1 x Fortaleza 2 CRUZAMENTO Ceará 1 x Guarany-S 0 FINAIS DO 4.º TURNO Ceará 1 x Fortaleza 1

Ceará 1 x Fortaleza 0 FINAIS Ceará 0 x Fortaleza 2 Ceará 2 x Fortaleza 1

rirou rotina. Como no ano passado, o Ceará desfilou pelo Campeonato Estadual sem medo algum. Nos quatro turnos, quinze vitórias, nove empates e apenas cinco derrotas. Ferroviário, Fortaleza e Tiradentes se revezaram como sacos de pancada, tanto que o alvinegro foi o único a disputar as finais de todas as fases do campeonato, vencendo três. Com a base do time que conquistou o título anterior - o goleiro Roberval, o lateral Paulo César, os meias Gérson Sodré e Carlos Alberto Borges e os atacantes Hélio e Marquinhos Capivara -. foi fácil para o técnico Dimas Figueiras conduzir o time an bi

Na partida decisiva, contra o rival Fortaleza, o "Carrasco" Hélio tratou de dar início à festa da galera aos 42 minutos do primeiro tempo. A ala alvinegra do Castelão já explodiu em festa, certa de que novamente assistiria à volta olímpica do Ceará. Ainda mais quando o ponta Santos estabele-

ceu 2 x 0, logo aos 10 minutos do segundo tempo. Ninguém conseguia acompanhar o clássico sentado. Bem que o Fortaleza tentou estragar o carnaval, com o gol do ponta Valdir, aos 31. Mas já não havia tempo para qualquer reação. A partir dali, a equipe de Dimas Figueiras tocou a bola, fez o tempo passar e correu para os braços dos 30 000 torcedores. Havia terminado mais um passeio alvinegro.

#### A DECISÃO

#### CEARÁ 2 x FORTALEZA 1

7/junho/90

Cestetão (Fortaleza): Juliz: Luis Vieira Vila; Nova, Renda: Cris 3 610 590; Pubblico: 28 209 Gota: Hélio 42 do 1º, Santos 10 e Valdir 31 do 2º CEARÁ: Roberval, Ivanido, Airton Edeon Barros e Paulo César Beto Cruz Carlos Alberto Borges e Gerson Sodré (Gilmério) Santos (Marcol Hélio e Marquinhos Capivara, Técnico, Dimas Figueiras FORTALEZA: Salvino, Expedito Marcelo Pedro Diruz e Racinha Alves Arburzinho Gilmar Pagotto e Alberto, Eliszer) Bugrão e Marquinhos Paulista (Valder) Yécnico Lucinto

previsto desde o inicio da competição a volta olímpica do alvinegro



CEARÁ



Bicampeão cearense



## TIRADENTES



Campeão piaviense



#### **TIRADENTES**



### OS ADVERSÁRIOS BATEM CONTINÊNCIA

Time do quartel vence a guerra após oito anos

#### O ARTILHEIRO

ETEVALDO Pereira da Silva, 32 anos, marcou poucos gols. cin co, Mesmo assim, ficou a apenas dois do goleador do campeonato, Aníbal, do Auto Esporte, E confirmou a fama de "artitheiro das



decisões''; na final, fez o seu, como fizera em 1985, 1987 e 1988. De estilo clássico, Etevaldo é um exímio cabeceador, e poucos atacantes nordestinos amortecem uma pola no peito como ele. Quando o Tiradentes foi campeão pela última vez, ele participou da campanha com destaque Vendido ao Flamengo PI, sagrou-se tricampeão estadual Este ano retornou por empréstimo, e era o único remanescente da conquista de 1982 O Flamengo bem que se arrependeu Embora veterano. Etevaldo garante que amda tem muitos gols a dar

#### A CAMPANHA

1 ° TURNO

Comercial 0 x Tiradentes 0
Auto Esporte 0 x Tiradentes 0
Tiradentes 1 x River 0
Paysandu 1 x Tiradentes 2
Quatro de Julho 1 x Tiradentes 0
Tiradentes 2 x Quatro de Julho 0
Auto Esporte 0 x Tiradentes 0
Tiradentes 2 x Auto Esporte 1
2.º TURNO

Parnaiba 1 x Tiradentes 2
Tiradentes 3 x Caiçara 2
Quatro de Juiho 3 x Tiradentes 0
Tiradentes 2 x Piaui 0
Tiradentes 2 x Flamengo 1
Quatro de Juiho 0 x Tiradentes 0
Tiradentes 1 x Quatro de Juiho 0
Caiçara 1 x Tiradentes 0
Tiradentes 0 x Caiçara 0
FINAIS

Carcara D x Tiradentes 0
Tiradentes 1 x Carcara 0



O goleiro China garantiu o 0 x 0 com o Caiçara no primeiro jogo da decisão em Campo Maior

por pertencer à Polícia Militar do Piauí, o Tiradentes não precisa gastar muito para formar uma boa equipe. Em Teresina, concentra-se no quartel-general. Nas viagens ao interior, hospeda-se em quartéis e come por conta dos militares. Por isso, não fazia sentido que seu último título estadual datasse do remoto ano de 1982. Em 1990, porém, tudo foi diferente.

Com algum dinheiro em caixa, os dirigentes partiram para os reforços. Começaram tirando o goleiro China e o meio-campo Zé Augusto do mimigo local, o Ríver Com o Flamengo, também da terra, conseguiram por empréstimo o atacante Etevaldo. Ao mesclálos com outros jogadores de fora e com a prata da casa, o Tiradentes formou o melhor esquadrão do Estado e finalmente saiu do sufoco. Ganhou o primeiro turno até com certa facilidade. No segundo, surgiram problemas, e o Amarelão da PM deixou de liquidar a fatura por antecipação ao perder para o Caicara, de Campo Maior. Mas, para a decisão, contra o próprio Caiçara, a equipe estava acesa. O técnico Edvaldo Lopes, que havia saído durante o segundo turno, voltou e incendiou seus comandados. Na primeira partida, empate em 0 x 0. Na segunda, 1 x 0, com gol de Etevaldo. A torcida festejou muito o quinto título do Tiradentes, que já fora campeão em 1972, 1974, 1975 e 1982. Acima de tudo, os foguetes que iluminaram os céus de Teresina significavam o fim do jejum. Pertenceu ao Tiradentes, também, o gol mais esquisito dos últimos anos. Na partida contra o Flamengo, o zagueiro Julival bateu uma falta de sua intermediária e acertou o ângulo

#### A DECISÃO

TIRADENTES 1 x CAIÇARA 0

12.agosto/90

Local: Alberto Silva (Teresina) Julz: Lineu Antônio Lisboa, Renda: Cr\$ 468 280: Público: 4 775, Gol: Etevaldo 14 do 2.º

TIRADENTES China, Edvan (Carlão) Julival, Vasdo e Josenillon, Toreca, Biro Biro e Ze Augusto, odio, Elevaido e Edvardo (Santos), **Técnico**, Edvaldo Lopes

CARCARA Dalmir Paulo César Canão Newton e Alencar Xixá Lacerda e Washington (Toinzinho) ndio (Beloar). Cordeiro e Clemilton **Técnico.** Francisco Lopes

#### CONFIANÇA



Campaño sargipano

## O TÉCNICO ARGENTINO FOI A SALVAÇÃO

Saiu da Segunda Divisão e arrumou o time

#### O ARTILHEIRO

AUDAIR era ponta-diretta, mas doupo que preferia armar as próprias conclusões a ficar preparando as jogadas para os ou-Portanto, sempre cortava em diagonal em busca do gol adversário. For assim que se destacou na pequena cidade de Ribeirópolis. Ele não decepcionou e marcou quinze gols Saut-se tão bem que acabou fixado como centroavante

Contratar o tremador campeão da Segunda Divisão de Sergipe pelo Itabaianinha foi a solução que o Confiança encontrou para conquistar o título estadual de 1990. Como se não bastasse, o salvador era um argentino radicado no Nordeste brasileiro. Juan Celly, portenho de Santa Fé, que acreditava poder ser duas vezes campeão estadual no mesmo ano Dito e feito Celly substituiu Aylton Rocha, que havia classificado a equipe para o triangular final mas que não convencia o presidente Fernando França. E logo na estréia enfrentou o

Sergipe, que tinha se aliado ao adversário Itabaiana para derrubar o popular Confiança.

Somada a última partida da lase de classificação, quando assumiu, aos três jogos do triangular, Juan Celly sentou apenas quatro vezes no banco de reservas Conseguiu três empates e uma vitoria — 1 x 0 sobre o Sergipe, no dia 15 de dezembro. O suficiente para o Contiança festejar o título, que nao saboreava desde 1986. E o argentino cumpriu a promessa de colocar duas faixas de campeão em 1990.

#### A CAMPANHA

1.º TURNO (1.º fase)
Marulense 0 x Conflança 0
Conflança 0 x Guareny 0
Itabaiana 0 x Conflança 1
Conflança 2 x Santa Cruz 1
Estanciano 0 x Conflança 1
Conflança 3 x Lagarto 1
Amaderise 0 x Conflança 1
Conflança 0 x Sergipe 1
2 º fase

Contiança 0 x Marutenae 1
Guarany 0 x Contiança 0
Contiança 1 x Itabaliana 0
Santa Cruz 0 x Contiança 3
Lagarto 1 x Contiança 0
Contiança 8 x Amadensa 2
Contiança 2 x E stanciano 1
Sergipe 1 x Contiança 1
2 " TURNO (1 " fase)

Confrança 2 x Amadense 0
Estanciano 0 x Confrança 1
Confrança 1 x Santa Cruz 1
Marurense 1 x Confrança 0
Confrança 0 x (tabarana 0
Guareny 0 x Confrança 2
Confrança 2 x Lagarto 0
Sergipe 1 x Confrança 3

(2ª fase)
Armadense 0 x Confiança 0
Confiança 0 x Estanciano 0
Santa Cruz 3 x Confiança 1
Confiança 0 x Marulense 0
Confiança 0 x Itabalanta 0
Confiança 0 x Courany 1
Lagarto 2 x Confiança 2
Confiança 1 x Sergipa 1
TRIANGULAR FINAL
Confiança 0 x Itabalanta 0

Contiança 1 x Itabaiana 1 Contiança 1 x Sergipe 0

No triangular, o Confiança pressionou o Itabaiana (acima) mas os dois empates foram suficientes para encaminhar a conquista



## CONFIANÇA



Campeão sergipano



## UMA VITÓRIA DA DISCIPLINA

O técnico Paulinho de Almeida afastou craques e ganhou

anhar o título do Pará em cima da boa equipe do Paysandu já é louvável. O difícil é fazer isso abrindo mão de jogadores importantes em nome da disciplina. O autor da façanha é o Remo, que largou atrás e, após encontrar o rumo, dispensou o armador Edgar e o ponta-de-lança Jorginho Macapá. O risco valeu a pena. Preservada a harmonia do elenco, o time azul se encheu de força para enfrentar o Paysandu na decisão. Venceu a primeira partida e segurou o empate na segunda.

O Remo não foi mal no primeiro turno. O problema é que seu arquiinimigo estava melhor. Os dirigentes, então, trataram de substituir o técnico Armando Bracali pelo experiente e durão Paulinho de Almeida. Fizeram mais: contrataram o centroavante Totonho, ex-Santos, que na estréia marcou a metade dos gols do 4 x 0 sobre o Pinheirense. Faturado o segundo turno, Paulinho de Almeida afastou Edgar e Jorginho Macapá, ao mesmo tempo em que promovia vários juniores. Podia fazer isso, pois contava com a boa fase de outros calejados jogadores — entre eles o excelente goleiro Vágner e o zagueirão Chico Monte Alegre, o líder da equipe.

Perdeu o terceiro turno, é verdade, mas não decepcionou nas finais. No primeiro jogo, o gol de Helinho, ex-Botafogo, derrubou o Paysandu. No segundo, entrou em cena a especialidade de Paulinho de Almeida, qué é a armação de eficientes retranças. Foi 0 x 0, mas no Mangueirão só se via a agitação das bandeiras azuis

#### A DECISÃO

#### REMO 0 X PAYSANDU 0 14/agosto/90

Local Manguetrão (Belém), Juliz: Utisses Tavares de Silva. Renda. Cr\$ 5 309 000 Patritico. 29 708. REMO: Végner, Paulo Verdun, Chico Monte Alegre, Tonho e Fotão Vareta. Edmilaon e Paulo de Tarso: Tiago (Bebeto), Helinho e Paulo Sergio (Amaral), Técnico: Paulinho de Ámeda PAYSANDU: Samuel, Paulinho (Edinaldo), Nad,

Eduardo e César, Zé Augusto, Mazinho e Arturziinho (Carlos Alberto), Edil, Romário e Miguetzinho Técnico: Givenido Oliveira.





Com jogadores menos talentosos è mais adaptados ao esquema, como o volante Vareia (5, a esq.). o Remo faturou o segundo turno e soube se garantir na final contra o riva Paysandu



#### **O ARTILHEIRO**



EDGAR teve uma passagem contraditoria pelo Remo, foi a goleador da equipe no campeonato, com outo gols, sete deles marcados de pénalti, mas acabou dispenvado no meio do ano pela diretoria. Ela suspenava de um possível envolvimento dele com os dirigentes do Pavsandu. Dono do proprio passe, Edgar realmente fez as malus para o rival, levando a eficiência na cobrança das penalidades para o outro lado. Meto-campo, ele começou no Tuna Luso, em 1988, e ugora tem contrato por mais um ano com o Pavsandu.

#### CAMPABUIA

#### 1.º TURNO

Remo 2 x Santa Rosa 1

Remo 3 x Tiradentes 0
Remo 4 x Independente 0
Remo 2 x Elo Maritimo 1

x Pinherense 0

Remo 5 x Izabelense 0

Remo 2 x Sport Belém 0 Remo 3 x Tuna Luso 2

Remo 2 x Sport Belém 0

2.º TURNO

Remo 4 x Pinhairense 0

Remo 3 x Tiradentes 1
Remo 2 x Tuna Lueo 1
Remo 0 x Paysandu 0
3,º TURNO

Remo 5 x Tradentes 0 Remo 3 x Pinheirense 0

Remo 0 x Tuna Luso 1

Remo 0 x Paysandu 0

FINAIS

Remo 1 x Paysandu 0 Remo 0 x Paysandu 0

## O SUSTO QUE VALEU O TÍTULO

A derrota na primeira rodada trouxe humildade ao time



GILMAR Sales Bento joga no meio-campo mas quando sobe ao atuque não deixa dúvidas: faz gols. Marcou quatro dos dezouo do Juventus e confirmou a boa fase. Iniciou a carretra em 1975. com 14 anos, no time amador Esporte de Ouro. Em 1987, antes do profissionalismo se firmar no Estado. foi campeão pelo Atlético Acreano. Aos 29 anos, bicampeão pela rubro-negro. Gilmar jå pensa no tri. Nem precisa ser novamente goleador. Afinal, sua caracteristica maior é a marcação e os lançamentos para os companheiros de ataque

#### A CAMPANHA

Juventus 6 x Atlético Acreano 2 Juventus 6 x Vasco da Gama 0

Juventus 1 x Independência 1 Juventus 3 x Andirá 1

Juventus 0 x Rio Branco 0 2 PTURNO

Juventus 1 x Andirá 0 Juventus 1 x Atlético Acreano 0 Juventus 2 x Vasco da Gama 1 Juventus 1 x Rio Branco 1

Juventus 0 x Independência 0 TRIANGULAR FINAL

Juventus 2 x Rio Branco 1

Juventus 1 x Atlético Acreano 1



O goieiro ilzomar sofreu apenas onze gols em doze jogos segurança que garantiu a festa do bi (abaixo)

ogo no dia 30 de março, na primeira rodada, o Juventus teve a licão que lhe valeu o bicampeonato. Com a confiança de quem conquistara no ano anterior o primeiro campeonato profissional do Acre, o time entrou em campo certo de que estaria começando uma nova caminhada rumo ao título. Resultado: 2 x 0 para o Atlético Acreano. O adversário estava tinindo e nem teve trabalho para conquistar o primeiro turno. Mais humildes, os rubro-negros do Juventus conseguiram se recuperar no returno e partiram em igualdade de condições — um ponto extra — para o triangular final, que tinha ainda a participação do Rio Branco, classificado pelo índice técnico. O tropeço do Atlético diante do próprio Rio Branco deixou o Juventus a um empate do bi. O susto veio com o gol de Papilin aos 29 minutos do segundo tempo. Aos 39, porém, Daniel garantia o título, que até hoje só teve as cores vermelho e preto



#### Campeonato maranhense

### DEPOIS DE 124 PARTIDAS, CAMPEÃO SÓ EM 1991

O Sampaio Corrêa está a um ponto da conquista



Para chegar ao título, o Sampaio Corrêa nem precisa fazer força: basta que o Moto Clube, o único que pode ameaçá-lo, não consiga realizar a façanha de acumular quatro vitórias em quatro jogos

om apenas dez equipes e aproximadamente seis meses, a Federação Maranhense de Futebol conseguiu a proeza de realizar 124 partidas e não ter datas para as outras quatro que definiriam o campeão de 1990. Logo, pela primeira vez na história, os torcedores terminam o ano sem conhecer qual a melhor equipe do Estado. O Sampaio Corrêa está por apenas um ponto do título: tem quinze contra oito do Moto Clube — que

tem quatro partidas atrasadas e, portanto, pode chegar a dezesseis. Para alcançar esta façanha de 100% de aproveitamento, o Moto precisa ganhar do próprio Sampaio, do Imperatriz, do Bacabal (todos fora de seu estádio) e, finalmente, do Caxiense.

Toda essa via crucis daria apenas o terceiro turno ao Moto Clube e o direito de disputar uma melhor de cinco pontos com o próprio Sampaio, campeão dos dois primeiros turnos. O lí-

der ainda entraria com um ponto extra de vantagem. Por tudo isso, a federação ameaçou dar o título ao Sampaio, tamanho seu favoritismo. Mas prevaleceu a tese de que o campeonato deve ser decidido dentro de campo. O Sampaio teve a melhor campanha, ganhando 41 dos 54 pontos disputados e perdendo somente uma partida por WO para o Imperatriz. Seu atacante Fuzuê é o artilheiro, com treze gols, seguido de Zé Roberto, do Moto Clube, com doze.



#### **ENDEREÇOS E TELEFONES**

SÃO PAULO Redeção, Publicidade e Correspondência: r Geraido Prausono Gomes, 61, Bronkiin, CEP 04576, Caixa Postat 2372, rel. (011) 524-5244, Telox (011) 57357, 57359 e 57382, FAX (011) 534-538, Telogramest, Editabrili Abriloress. Administração r Jaguareté, 213, Cara Verde, CEP 02516, rel. (011)

#SS-4511

SCANTORIOS

BRASIL

Bato Morizonta: ev. Marilla de Dircev., 226, 6.º u 7º andaras,

Bato Morizonta: ev. Marilla de Dircev., 226, 6.º u 7º andaras,

Batro de Lourdea, CEP 30170, tell. (031) 278-2388, Telea

(031) 1085, FAX: (031) 337-281.

Cerajian SCAN. Osudro CN 1, Lote C. Edificio Brasilia. Trado Con
tor. 14º u 15º andaras, CEP 70170, tell. (0911) 321-8955. Telea

(081) 1464-1136, FAX: (081) 228-792. Telegramas Abritáness

Cerajianas: r. Secremento, 126, 13º andar, con), 1311-33.

Contrio, CEP 13013, tell. (0192) 337-100, Telea: (0192) 3371.

FAX: (0192) 22-3281

Campo Granda: r. Ametiata, 85. Coopharadio. CEP 7900

FAX: (0192) 22-3291
FAX: (0192) 22-327100. Teiex (0192) 3311
FAX: (0192) 22-3281
Campo Grander: Ameliate, 85. Coopharadio. CEP 79000
Caixe Postat 57. tel: (067) 397-3585
Caixe Postat 57. tel: (067) 397-3585
Colistic Captalo Branco, 123, CEP 78020. Caoxa Postal 445, tels: (065) 231-0621 e 322-7486
Caixer Captalo Branco, 123, CEP 78020. Caoxa Postal 445, tels: (065) 231-0621 e 322-7486
Bairro Alto da Quinze, CEP 80040. tel: (041) 202-8331, rieck
Call \$278 FAX: (041) 246-7237
Florienopolis: ex. Osmor Cunno, 15, 61000 C. L.º endar, con, 101. Centro, CEP 80151, tal: (042): 22-7826. Telex: (0481) 1000, FAX: (0482): 22-8936. Telex: (0481) 1000, FAX: (0482): 23-6973.
Fortaleza: ex. Santos Dumont, 3060, salas 418-420-422, Aldeota, CEP 80150, foi: (085): 244-0410, Telex: (085): 1607
Colabala: -25, n.º 55, Sertor Marieta, CEP 7440, tel: (062)Juse Pessoa: av. Epitacio Passoa: 301

Gotania: r. 25. n.º 55, Serior Marietta, CEP 7410. tel: (062): 252-1915.
252-1916.
252-1916.
253-1916.
253-1916.
253-1916.
254-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255-1916.
255

12245, tel. (3125) 2111126
EXTERIOR
News York, Lancoln Stuliding, 50 East 42nd Street, NBR 3403, New York, NY, 10165/3403, Phone. (001212) 557-5590-5993, Teler. (90) 237570, FAM; (001212) 983-0972
Peris, 33, rue de Miromesni, 75008 Paris, Phone. (00331) 42:66 13:99

#### PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral

VEJA # GUIA RURA ALMANAQUE ABRIL . SUPERINTERESSANTE

Economia e Negocios

EXAME

Automobilismo e Turismo

QUATRO RODAS . GUIA QUATRO RODAS

Esportes

A SEMANA EM AÇÃO . PLACAR

Masculinas

PLAYBOY

Femininas

CLAUDIA . CLAUDIA MODA . ELLE . NOVA MANEGUIM & MONTRICOT & CAPRICHO MÁXIMA

Decoração e Arquitetura

CASA CLAUDIA ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

#### PUBLICAÇÕES DA EDITORA AZUL

BIZZ · BOA FORMA · BOOYBOARD CARICIA \* CONTIGO \* FLUIR \* HOROSCOPO INTERVIEW \* SAUGE \* SET \* SEMANARIO SKATING

#### PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL JOVEM

PATODONALD . MICKEY . ZE CARIOCA PATODONALD & MICKEY & ZE CARIOCA
TIO PATINHAS & MARCARIDA & URTIGÃO
DISNEYLÂNDIA & ALMANAQUE DISNEY
SELEÇÃO DISNEY & EDIÇÃO EXTRA
DISNEY ESPECIAL & ALEGRIA ESPECIAL
BRINQUE COMIGO & MINI CRUZADAS
LIGA DA JUSTIÇA & GRAPHIC MARVEL
HOMEM ASUPERAVENTURAS MARVEL
HOMEM ARANHA & HULK & OS CAÇADORES
SPIRT & GROO & CORAN REI & STORM
CONFLITO DO VIETNÃ & GRAPHIC NOVEL
CONAN OM MENINO MALUGUINHO
TOM É JERRY & BOLINNA & LUCUZINHA TOM E JERRY · BOLINHA · LULUZINHA OS TRAPALHOES · ALMANAQUE DO GUGU

**PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA** 

NOVA ESCOLA . SALA DE AULA



Vibrei com a edição extra de PLA-CAR e o poster gigante do Timão. Assim que chegou aqui em minha cidade, foi mais um gol! O Corinthians mereceu esta homenagem da revista mais querida, celebrando uma campanha gloriosa. Parabéns. Agora, uma cobrança: quando sai a Edição dos Campeões, que sempre foi um dos marcos de PLACAR?

João Francisco Rodrigues Bauru, SP

Com a final do Campeonato Brasileiro, dando o Timão na cabeça, PLA-CAR não vai saudar a Fiel com uma super-revista do campeão?

Wanderley Ribas São Paulo, SP

A revista comemorando os cinquenta anos do Rei Pelé foi um verdadeiro gol de placa, bem à altura de PLA-CAR. Agora só falta mesmo a coleção com os posters de todos os campeoes. com que PLACAR sempre surpreendia logo depois da temporada. Vamos ter dessa vez?

Rubens Pelegrino Ponta Grossa, PR

Agora que o futebol voltou a aquecer as turbinas, como é que ficam os torcedores? Vamos ter uma revista de fim de ano, com o super-Timão? Celso Ungaretti São José dos Campos, SP

Os torcedores do Corinthians tiveram seu poster gigante. E nós, da mais entusiasmada torcida do Brasil, como ficamos? O Flamengo também merece!

> Justino B. Marinho Rio de Janeiro, RJ

O Corinthians campeao mereceu uma edição extra de PLACAR, com poster gigante. E os torcedores do Grêmio, não vão ter uma lembrança do querido tricolor?

Edson Bertoncello Esteio, RS

Esta "Edição dos Campeões" já é uma resposta aos milhares de pedidos que recebemos de torcedores de todo o Brasil. Ela marca a volto de PLA-CAR. a "Biblia do futebol", agora como uma revista mensal. Sugestões, dicas, criticas serão sempre bem-vindas. É só escrever para Revista PLA-CAR, Caixa Postal 2372, CEP 01051. São Paulo, SP.



## CHEGOU A SUA VEZ DE CONHECER A FERRARI F40





COMO O UNO ENFRENTOU NOSSO DESAFIO DE 60 000 KM

O QUE MUDOU NO XR3 E CHEVETTE 91

SEGREDO: OS CARROS MARCADOS PARA MORRER

VIAGEM: BÚZIOS, O AGITO DESSE VERÃO





ANDAMOS NA FERRARI F40

O-200 KANVI EM III SEGUNDO

HASAS

